

VOZ OPERÁRIA

N. 194 ★ Rio, 7 de Fevereiro de 1953



Elisa Branco Fala-nos do Que Viu na URSS

(Entrevista nas páginas 4 e 5)

OS OPERÁRIOS

Na BAHIA

COMEM APENAS UM DÉCIMO
DO QUE PRECISAM

(Leia, a respeito, na página 3)

LUTAM AS MASSAS CAMPONESAS

OS acontecimentos do Vale do Rio Doce, onde os camponeses resistem ao ataque armado dos latifundiários grileiros e se defendem contra as tentativas de expulsão das terras que cultivaram e valorizaram com o trabalho penoso de longos anos, revelam mais uma vez e de modo gritante a gravidade da situação das massas do campo.

O quartel-general do bandoleirismo dos fazendeiros é o escritório da companhia imperialista Belgo-Mineira; onde diariamente os latifundiários se reúnem e concertam os planos para assaltar os camponeses, assassiná-los e matar suas famílias, para se apossarem das terras. Os homens do governo dão mão forte e ajuda militar a esses bandidos. O governo Kubitschek já pôs soldados da Força Pública à disposição dos fazendeiros para expulsar os camponeses das terras.

Essa situação mostra ao vivo às massas de milhões de camponeses que espécie de regime é esse que ainda vigora em nosso país. Os estrangeiros das empresas imperialistas, como a Belgo Mineira, sugadores das riquezas de nossa terra e exploradores do trabalho de nossa gente, estão de mãos dadas com os latifundiários contra os camponeses, contra todo o povo. E o governo está a serviço dos gringos e dos traidores da pátria, seus aliados.

A consequência dessa política é a crise que se abate sobre nossa pátria, e que tem os mais graves efeitos sobre a situação das massas camponesas. Os grandes capitalistas e latifundiários lançam nas costas dos camponeses o peso das dificuldades que atravessam os produtos de nossa economia. Roubam-lhes as terras, aumentam a exploração ao trabalhador da terra. O regime dos capitalistas e latifundiários serve à política de guerra dos imperialistas e um de seus resultados é o encarecimento brutal dos preços das ferramentas, dos adubos e inseticidas.

Os acontecimentos deitam per terra a demagogia de Getúlio, seus planos e promessas de reforma agrária que só visam enganar os camponeses. O governo de Getúlio Vargas é formado por grandes fazendeiros e capitalistas, sendo ele mesmo um dos maiores proprietários da terra de nosso país. Um governo assim jamais dará a terra a quem trabalha, mas, ao contrário, como está acontecendo no Vale do Rio Doce, lança sua polícia contra os camponeses para reprimir suas lutas por uma vida melhor, para expulsá-los de suas terras.

Os acontecimentos do Vale do Rio Doce, como tantos outros exemplos, demonstram que os camponeses compreendem cada vez melhor e mais claramente que tudo depende da luta. E lutam pela rebaixação do arrendamento, contra o vale e o barracão, pela posse da terra. Os camponeses percebem cada vez mais claramente que não estão sós, que contam com irmãos e companheiros de combate, pois sua luta é parte da luta de todo o povo pela paz e a libertação nacional. Os camponeses enviaram um dos seus como delegado do Congresso dos Povos Pela Paz e os abaixo-assinados contra o acôrdo militar recebem o apoio caloroso dos trabalhadores da terra.

Estas lutas dos camponeses têm uma enorme importância, pois eles são a maioria da população do Brasil, o maior contingente da população trabalhadora. Os camponeses são o aliado mais próximo do proletariado, que os ajuda e lhes transmite sua experiência de combate e de organização. A mobilização dos camponeses sob a direção do proletariado é um dos fatores principais para a vitória do povo brasileiro na luta pela paz e a libertação nacional.

VOZ DOS LEITORES

60 a 70 Dias de Trabalho Por Mês!

COM grande alegria vi publicado nesse órgão defensor dos direitos da classe operária, uma reportagem acerca da tremenda exploração que enfrentam os ferroviários e em particular os maquinistas da Central do Brasil, duramente escravizados pela direção da empresa, que sem dó nem piedade os submete a uma escala de serviço verdadeiramente revoltante. Esses 600 maquinistas, trabalhando com 800 locomotivas, executam um serviço calculado para 2.400 homens!

Todavia não é somente a Central do Brasil que explora os ferroviários. A Estrada de Ferro Vitória-Minas, que percorre o Vale do Rio Doce, escraviza também seus servidores e os submete igualmente a um terrível sistema de trabalho. Nós maquinistas, por exemplo, viajamos 40 a 50 horas seguidas, sem que possamos receber as folgas regulamentares. Estas via de regra são acumuladas e quando perdemos uma escala ou chegamos atrasados com a composição na estação final somos responsabilizados pelos atrasos do trem. Em vista disso tem havido numerosos desastres e acidentes, em sua maioria de consequências fatais, agora as doenças, como a tuberculose e as perturbações cardíacas, que são comuns entre os ferroviários.

Hoje mesmo o colega Orlando Mascarenhas, maquinista do trem FM 4, após ter desembarcado de sua composição, às três horas da madrugada, veio a falecer repentinamente. Segundo conseguimos apurar, o colega Orlando Mascarenhas estava trabalhando havia quarenta horas seguidas, tendo sido assim vítima do excesso de trabalho a que nos obriga a direção da estrada.

Devido a esse trabalho excessivo que somos obrigados a fazer para cavar minerais para os imperialistas ianques, muitos de nossos companheiros estão inutilizados, aposentados, vivendo das míseras aposentadorias, pensões e seráveis pensões da Caixa de que não passam de 500 ou 600 cruzeiros mensais.

Há pouco tempo o engenheiro João Paulo, trabalhando em Itabira dia e noite na orientação dos serviços de extração do minério, não resistiu, morrendo em consequência do excessivo trabalho. Se isso acontece com um engenheiro, que dirá dos operários que são vítimas mais diretas da política de guerra de Getúlio.

Meses há em que chegamos a trabalhar tanto que somadas as horas, perfazem de 60 a 70 dias. Entretanto, a estrada não nos paga o excesso, limitando-se a nos pagar apenas 45 dias; o resto vai para o bolso da direção da estrada, que à nossa custa e com o nosso dinheiro anda fazendo demagogia para o povo acreditando que Juraci é bonzinho, quando não passa de um lacão explorador. Já escrevemos ao Getúlio-Promessa exigindo o pagamento das horas descontadas mas esse por intermédio de Juraci nos respondeu que o corte nos ordenados é da lei.

(Carlos Wanderley, Governador Valadares, Minas Gerais) 10 de dezembro de 1952

Salve o 55º Aniversário De Prestes

A leitora Helena Farias, residente no Distrito Federal, envia-nos a seguinte mensagem de saudações ao Cavaleiro da Esperança:

«Nós, mulheres filhas do povo, esperamos de braços abertos a sua liberdade. Desejamos muitas felicidades para aquele que encarna os sentimentos cívicos do país e sua luta pela independência nacional e pela paz. À frente do P.C.B. juntamente com os demais dirigentes desse Partido o companheiro Luiz Carlos Prestes têm demonstrado o seu profundo amor e a sua dedicação à classe operária em todas as fases de sua luta.

Salve o 55º aniversário de Prestes.»

Êxito na Campanha Pró-Ambulância para os Coreanos

DE Manaus dirijo-me a VOZ OPERÁRIA a fim de dar conhecimento de nosso trabalho, aqui no Amazonas, em favor da compra de uma ambulância para o heroico povo coreano que defende a liberdade e a independência de sua Pátria contra o agressor americano.

A côta que resolvemos estipular para a coleta de finanças estava orçada em Cr\$ 500,00. A princípio achamos difícil recolher tal quantia entre os trabalhadores amazonenses dada a tremenda miséria que enfrentam. Porém, após algumas discussões resolvemos elaborar um plano de trabalho e em pouco tempo obtivamos bons resultados. Os operários receberam bem a campanha da compra da ambulância e todos assinavam com carinho quantias diversas. Houve contribuições de 50 centavos, mas muitos trabalhadores fizeram questão de contribuir com cinquenta cruzeiros. Resumindo posso adiantar que em apenas 30 dias de campanha recolhemos a importância de Cr\$ 974,10, quase o dobro da quantia de início estabelecida.

Por esta razão me vejo obrigado a transmitir aos leitores de «VOZ OPERÁRIA» os nossos resultados nesta humanitária campanha de solidariedade aos bravos combatentes coreanos e voluntários chineses. Aproveito a oportunidade para lançar um apêlo aos trabalhadores dos demais Estados no sentido de que envidem os maiores esforços para que o Brasil em breve tempo possa efetivar sua solidariedade aos homens que defendem a paz e a independência nacional». (A. Capibaribe — Manaus — Amazonas).

“Não temos para a comida Que fará para remédios!”

«É verdadeiramente calamitosa a situação da população de Curitiba. O Estado de São Paulo, o aluguel das casas aos remédios, os preços sobem dia a dia e a fome toma conta de muito lares. Enquanto os salários das classes trabalhadoras são, em média, de Cr\$ 30,00, Cr\$ 35,00 e ... Cr\$ 40,00, os preços dos gêneros alimentícios estão pela hora da morte. Assim o quilo de feijão está a oito cruzeiros e o arroz a Cr\$ 10,00. O açúcar filtrado e o cristal estão custando respectivamente Cr\$ 5,50 e Cr\$ 4,50 e o pó de café, em plena terra do café, está sendo vendido por Cr\$ 30,00. A carne de vaca é vendida no mercado por 18 cruzeiros e ainda que pareça incrível a maníngia só é encontrada a 70 cruzeiros. Outros alimentos como o pão e o leite estão sendo vendidos a 20 cruzeiros e Cr\$ 4,00 respectivamente. O aluguel de verdadeiros barracos de madeira também está crescendo. De 100 cruzeiros mensais passou para Cr\$ 120,00 e quem poderá garantir que não subirá mais? Dos remédios não falamos porque o pobre não tem dinheiro nem para a alimentação que fará para gastar em farmácias.

As vezes sou forçado a indagar: Não há governo nesse município que possa tomar medidas contra a carestia? Contra os baixos salários? E todas essas vezes concluo que somente um governo democrático-povo pode resolver tais situações. E por que? Porque os homens que mandam e dirigem o município, o prefeito, o delegado, o juiz de distrito e o padre, são homens ligados aos tubões do comércio, da indústria e aos taturias proprietários das fazendas. Esses senhores são garantidos pelas autoridades que governam o país e o município e podem assim vender pelo preço que querem e pagar os salários que melhor entenderem. Só os trabalhadores unidos e organizados podem fazer frente a esses poderosos e impedir que se repita o caso

da «ambra» e quando os seus empregados entram em greve por 40% de aumento de salários. Após três dias de greve veio polícia de todas as partes, de todos os lados, para obrigar os trabalhadores à volta ao trabalho escravo, ao trabalho da companhia imperialista «Sanbra». (As.) Jacuim Pereira. (Curitiba, Estado de São Paulo).

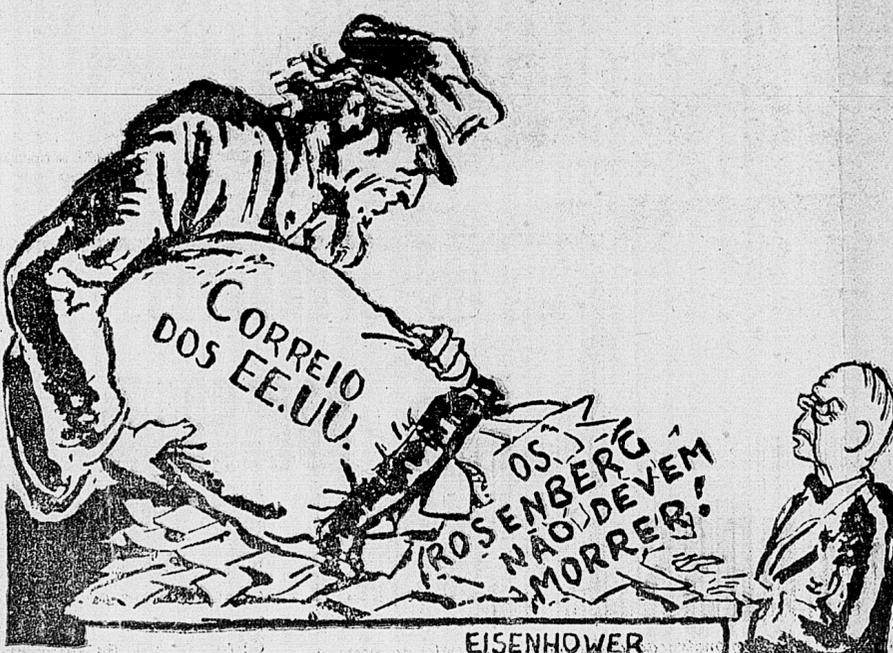
Para Que Cesse Uma Violência

«Quando se encontrava distribuindo os jornais populares «VOZ OPERÁRIA» e «Tribuna Piauiense» a 24 de agosto do ano passado, foi preso o patriota Raimundo Andrade Jucá pelo próprio chefe de polícia do Piauí, a tira Waldir Gonçalves.

Recolhido à delegacia foi posteriormente enviado à Penitenciária, apesar dos protestos de inúmeros democratas deste Estado. Raimundo Jucá passou cerca de 4 meses na Penitenciária sem processo e formação de culpa. Não obstante terem sido impetrados três habeas-corpus ao Tribunal de Justiça e aos juizes de direito, esses senhores não se manifestaram alegando apenas incompetência.

Agora, passados seis meses, o patriota Raimundo Jucá, está sendo processado com fundamento na lei de segurança do Estado Novo estando o processo para ser iniciado. O diretor do «Tribuna Piauiense» está igualmente ameaçado pelo processo policial já tendo sido intimado a depor, apesar dos protestos que chegam quase diariamente ao juiz, exigindo o arquivamento do processo-farsa.

Em razão dos fatos que acima mencionei apelo por intermédio de «VOZ OPERÁRIA» para os patriotas e democratas do país no sentido de enviarem ao juiz de direito, Manoel Felício, da 2ª Vara da Comarca de Teresina, onde transitava o processo, abaixo-assinados; telegramas e outros protestos, que exijam o arquivamento da ação movida contra o operário Raimundo Jucá e a cessação da ameaça que pesa sobre o diretor do valente «Tribuna Piauiense». (Pedro de Carvalho, Teresina, Piauí)



VOZ OPERÁRIA

Diretor Responsável	
JOÃO BATISTA DE LIMA E SILVA	
MATRIZ: Av. Rio Branco, 257 - 17º andar - Sala 1712	
SUCURSAIS:	
SÃO PAULO	- Rua dos Estudantes, 84 - Sala 29;
P. ALEGRE	- Rua Voluntários da Pátria, 527 - Sl 48
RECIFE	- Rua da Palma, 295 - Sala 205 - Ed. Suel;
SALVADOR	- Rua Saldanha da Gama, 22 - térreo;
FORTALEZA	- Rua Barão do Rio Branco, 1248 - Sl 23
ASSINATURAS	
Anual	... Cr\$ 60,00
Semestral	... Cr\$ 30,00
Trimestral	... Cr\$ 15,00
N.º Avulso	... Cr\$ 1,00
N.º atrasado	... Cr\$ 1,00
Este Semanário é reimpresso em S. PAULO - RECIFE - PORTO ALEGRE - FORTALEZA - SALVADOR - BELEM.	

COMEM SOMENTE UM DECIMO

Do Que Precisam

ESPANTOSA REVELAÇÃO DE UM INQUÉRITO OFICIAL NA BAHIA: O QUE COME UM OPERÁRIO MAL CHEGA A QUATROCENTAS CALORIAS DIÁRIAS, QUANDO ELE NECESSITA DE 4 MIL

Reportagem de Jafé BORGES

O OPERÁRIO baiano se alimenta de farinha com banana. Isso é o que teve de reconhecer, a contragosto, até mesmo a «Comissão de Bem-Estar Social» organização demagógica criada por Getúlio para distrair sua filha Alzirinha. Essa Comissão em inquérito realizado, alinhou uma série de informações que só servem para acusar o governo Vargas como um governo contra o povo e a classe operária.

CR\$ 156,00 PARA COMER O MÊS TODO

A situação da classe operária na Bahia é alarmante. Raros são os trabalhadores que ganham mais de 1.400 cruzeiros. Uma grande percentagem tem salários inferiores a mil cruzeiros. Para se ter uma idéia da miséria reinante, basta dizer que uma família operária baiana composta de cinco membros dispõe, em média, em resultado do trabalho realizado por todos os seus componentes, de apenas 1.175 cruzeiros para enfrentar as despesas de alimentação, habitação, transportes, higiene e vestuário não falando nos demais gastos que o Ministério do Trabalho considerou supérfluos nos instituir o salário mínimo.

Para a comida cabem, em média 780 cruzeiros para toda a família o que significa cerca de 156 cruzeiros por pessoa, ou 5 cruzeiros e alguns centavos por dia. Levando-se em conta que a despesa média diária com a alimentação necessária ao trabalhador é de 17 cruzeiros, vê-se que o dinheiro ganho não lhe dá para mais de 9 dias. A importância restante, correspondente a 21 dias de completo jejum, é embolsada pelos grandes industriais que aumentam os seus lucros a custa da mais desenfadada exploração.

É assim que se explica porque, à hora do almoço, são encontrados nas portas de fábricas de Salvador muitos operários comendo farinha com banana, enquanto o «pai dos pobres», em grandes almoços, faz propaganda da «fartura» em que vivem os trabalhadores.

NEM AGUA, NEM LUZ,

NEM ESGOTOS

Mas a fome não é o único sofrimento do povo.

Do salário do trabalhador, menos de 200 cruzeiros são reservados para o aluguel de casa. Como, porém, morar numa casa de verdade se apenas um quarto, em qualquer pardieiro do Salvador, custa mais de 300 cruzeiros de aluguel? De 51 casas visitadas 41 não possuíam água encanada, 35 não tinham luz elétrica e 46 não tinham esgotos. Das residências percorridas, 36 eram de taipa; em 16 casas havia quartos que abrigavam de cinco pessoas para cima. Além disso, com bastante frequência o terreno em que se erguem os barracos são terrenos de mangue, inteiramente prejudiciais à saúde.

Para esses trabalhadores todos contribuintes com altas taxas para os Institutos de aposentadorias e Pensões, os

conjuntos só poderão ser vistos através de óculos de cangaço.

FARTURA, MAS DE DOENÇA E MORTE

Submetido a condições de exploração assim tão estúpidas, o trabalhador da Bahia, com frequência é um doente e morre cedo. De cinco em cinco horas expira um tuberculoso na capital do Estado, onde o coeficiente de mortalidade dessa doença é o mais alto do Brasil. Os relatórios médicos reconhecem que a fome é um dos principais inimigos dos operários baianos. A média de vida que é de 30 anos no Brasil é também assustadoramente baixa na Bahia. Por mais que a «Comissão» procurasse, ela pôde encontrar apenas um homem com mais de 60 anos, quando se sabe que esse é o nível médio de longevidade em países como os Estados Unidos e Inglaterra, e que na União Soviética existem mais de 30 mil centenários. Em Salvador, a média de vida é comparável à dos países coloniais explorados também pelos imperialistas, como na Índia onde somente na província de Bengala, morrem milhares de pessoas à fome anualmente.

OS PRINCIPAIS

INIMIGOS

Quais as causas de tanta miséria em que vive o povo? As péssimas condições de vida da classe operária na Bahia são frutos da ex-



Esses jovens, famintos e doentes, como se fossem bichos apanham restos de alimentos nos mangues do bairro do Uruguai na capital baiana

ploração dos grandes fazendeiros e grandes capitalistas, dos imperialistas americanos e seus agentes no governo.

Lucros enormes são retirados anualmente das costas dos trabalhadores e do povo que empobrecem cada vez mais. A Cia. Circular, do

truste americano Bond and Share, em um ano apenas confessou lucros superiores a 27 milhões de cruzeiros; a S.A. Magalhães 20,5 milhões e a S.A. Wild-

berger, 32,9 milhões. Várias outras empresas apesar dos truques de contabilidade, assinalaram lucros superiores a 3 milhões de cruzeiros, como se verifica abaixo:

União Fabril Progresso Industria S/A	4.900.000,00
Fratelli Vita Indústria e Comércio	4.700.000,00
Companhia Mamona Brasileira	4.480.000,00
Companhia Valença Industrial (tecidos)	4.200.000,00
Cia. Comércio, Imóveis e Construções	3.336.498,50
Companhia Fabril de Fiais	3.200.000,00

A essas e outras firmas estão associados, direta ou indiretamente, os principais figurões do regime, como o ministro Simões Filho que, por isto, alardeia os supostos «benefícios» com que Getúlio presenteou a Bahia e que vimos quais sejam: Anísio Massorria, o homem da «Circular» à qual Getúlio entrega a Hidrelétrica de São Francisco; Martins Catarino, das fábricas de tecidos, e muitos outros.

PARA ACABAR COM ISSO É QUE SE LUTA

O governo, constituído por homens como esses, não resolve os problemas do povo, mas destina bilhões para fins militares. É o que vemos em Salvador, onde em frente a ampla baía de água serena e profunda, se constrói atualmente a maior base naval do continente para abrigar os navios ianques que vem saquear a nossa terra. Esse é um exemplo apenas. Mas todos os atos

do governo de Getúlio e de Regis Pacheco são praticados em parceria com o imperialismo americano que, aumentando sua agressividade, exige deles a aprovação do Acordo Militar, mais opressão e fome para o nosso povo, o envio de tropas brasileiras para morrer na Coreia.

Contra essa vida de miséria e de escravidão erguem-se os trabalhadores de todo o Estado. Eles estão compreendendo a origem de seus males, entendendo que para modificar o estado de coisas atual não basta apenas lutar pelas reivindicações imediatas mas, também, lutar pela paz, contra o Acordo Militar, pela cessação da guerra na Coreia, contra as perseguições políticas, até a mudança desse regime por um governo que saia da vontade do povo e seja controlado efetivamente pelo próprio povo.

Nas lutas que todos os setores de trabalho estão travando por aumento de salários e por condições de vida mais humanas forja-se a união e a organização nas empresas e sindicatos para enfrentar com êxito a ofensiva dos patrões e do governo de Getúlio. Os sindicatos da Baía, como os de todos o Brasil, enchem-se de trabalhadores em vivas assembleias, vão a graves, deixam de ser simples escritórios de pelegos para serem verdadeiros órgãos do proletariado, para a liquidação da fome e da miséria.

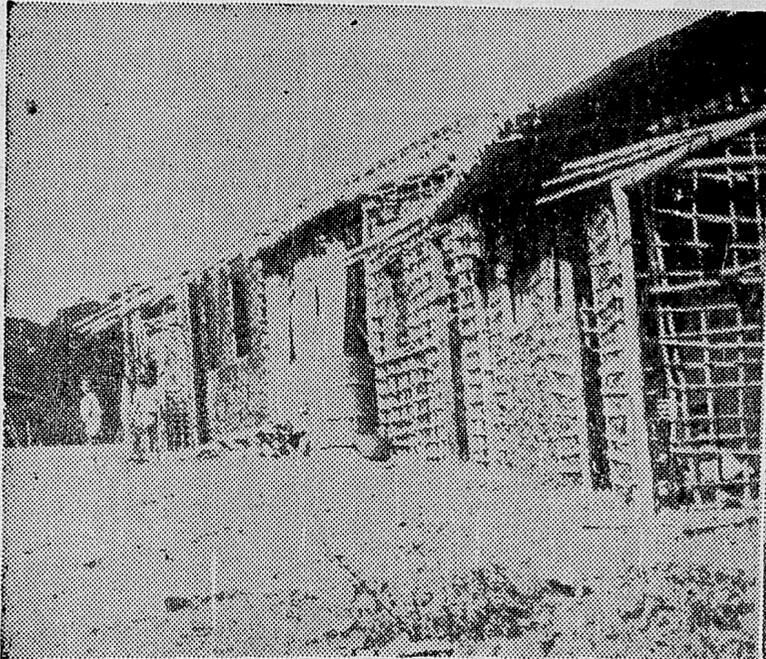
O OPERÁRIO SÓ PODE INGERIR UM DÉCIMO DE CALORIAS

Rubens de Siqueira, em seu estudo «Alimentação do Trabalho», baseando-se em dados colhidos por ele e por Josué de Castro, Alexandre Moscoso e pelo Exército, determinou o seguinte padrão alimentar para o trabalhador da zona norte:

Carne	200	gramas
Manteiga	25	«
Banha	25	«
Arroz	100	«
Farinha	50	«
Batata inglesa	200	«
Pão de milho ou misto (50% de trigo)	200	«
Felção	150	«
Legumes (inclusive herbáceos)	300	«
Bananas	200	«
Açúcar	100	«
Café	15	«
Leite	300	«

Traduzindo em dinheiro, tal alimentação custaria mais de 17 cruzeiros, em Salvador, quantia mais de três vezes superior a que um operário baiano reserva para a sua alimentação diária.

Em suma: são 4.000 calorias de que o trabalhador necessita. Com o que ele ganha só pode consumir 400, isto é, um décimo do que precisa.



A ESQUERDA: barracos construídos pelo povo em terreno baldio. Essa uma demonstração do desprezo que vota ao povo o governo de Getúlio. A DIREITA: tecelã carregando a latinha do almoço. Comerá a boia fria ao moto-dia. Muitas, nem isso levam. Comem jaca ou banana.



UM EMOCIONANTE RELATO DE ELISA BRANCO:

O Que Vi Na URSS

No "Hotel Sovietskaia" nada falta — Cinco dias enferma, examinada até por raios X no próprio "Hotel Sovietskaia", mas nem uma injeção... — O aniversário — A costureira Elisa Branco fala sobre os vestidos na União Soviética — Numa grande maternidade moscovita Elisa esteve com muitas mulheres que fizeram o parto sem dor — A visita ao Museu do Kremlin — Palavras do acadêmico Skobeltsin, ao fazer a entrega do Prêmio Stalin da paz: "A Coreia é hoje a bandeira da luta libertadora dos povos" — Onde todos nos desejam êxitos no trabalho e na luta pela paz

— Em meio à reunião, a sra. Carmen de Santis, delegada italiana ao Congresso, entrou na sala e pediu cinco minutos para fazer uma comunicação importante. Falou em francês, língua que eu não entendo. Imediatamente, todas as presentes se levantaram e, ante minha surpresa, me abraçavam e me beijavam. Fiquei atônita e quando me disseram que eu havia sido laureada com o Prêmio Stalin Internacional da paz, quase perdi a respiração...

Este episódio, que nos foi contado por Elisa Branco, em entrevista a VOZ OPERÁRIA, passou-se em Viena a 22 de dezembro último, durante uma reunião de mulheres da América Latina delegadas ao Congresso dos Povos pela Paz. Prossegue Elisa:

— Minutos depois de ter recebido a radiante notícia, era solicitada pelos correspondentes da Rádio de Moscou para dar minhas impressões. Escrevi algumas palavras. Mas, pensa que me foi fácil lê-las ao microfone? As letras se sumiam dos meus olhos, a voz não passava da garganta, enquanto as lágrimas me rolavam pela face. Informaram-me, posteriormente, de que tanto as sras. Virginia Souza, esposa do prefeito de Alegrete, e Helena Boaventura de Matos, como os dois correspondentes da Rádio, não puderam também conter a emoção de que se viram tomados naquele momento. Eu nunca poderia esperar que viesse a receber tão grandiosa homenagem e que meu modesto nome figurasse ao lado dos de Ilya Ehrenburg, Paul Robeson e outras pessoas conhecidas em todo o mundo e cuja contribuição em favor da paz foi considerada excepcional.

EM MOSCOU

Três dias — conta-nos Elisa — durou a viagem de trem de Viena para Moscou. No trajeto, quer na Hungria, quer nas cidades soviéticas, diversas homenagens lhe foram prestadas. Em Budapeste, às 3 horas da madrugada, um grupo de mulheres húngaras esperava a passagem de Elisa para oferecer-lhe uma bracaçada de flores. Finalmente, a 26 de dezembro, depois de atravessar ex-

tenso campos de neve Elisa e demais membros da delegação brasileira chegaram à capital da União Soviética. Eis o que nos diz a heroína brasileira da luta pela paz:

— Fiquei no Hotel Sovietskaia, onde nada falta. É um edifício novo, inaugurado em março último para receber os delegados à Conferência Econômica. Cheguei muito resfriada. Desde o primeiro momento fui alvo das maiores sollicitu-

des por parte dos amigos soviéticos que nos receberam. Destinaram-me um quarto. Uma enfermeira,

que me tratou com o maior desvelo, foi destacada para ficar comigo enquanto durasse minha enfermidade.

A SAUDADE DA PÁTRIA DISTANTE

— Esse resfriado — continuou Elisa — foi um verdadeiro azar... Enquanto os outros membros da delegação partiam para visitar Leningrado, ou ficava ali, em cima de uma cama, perdendo uma oportunidade com que vinha sonhando há anos de conhecer ao máximo como é a vida na União Soviética. Claro que aos nossos amigos soviéticos não passou despercebida essa situação e eles procuraram fazer tudo para que minha permanência no leito — mesmo naquele hotel magnífico — encerrasse o menos possível de sofrimento. A fim de que eu tivesse notícias do Brasil, da Rádio de Moscou me telefonavam todos os dias. Numa dessas ocasiões soube que continuava a greve dos têxteis no Rio, que tinha havido numerosas prisões em Belo Horizonte e de um outro acontecimento desagradável no Uruguai. Essas notícias muito me entristeceram. Lembrei-me da Pátria distante, do povo que continuava sofrendo tanto, em contraste com o povo soviético, bem vestido, bem alimentado, com as casas todas aquecidas, no rigoroso inverno, trabalhando com tanto entusiasmo. Senti uma saudade e uma angústia tão grandes que não pude sequer terminar de ouvir as notícias e comeci a chorar. Nisto entra no quarto a enfermeira e, vendo-me assim, ficou aflitíssima. Ela falava em russo, mas compreendi pelo tom da voz e pelos gestos que me perguntava o que tinha sido. Eu lhe dizia, inutilmente: «não é nada, não é nada». Mas, ela também não me entendia... Não me esqueço de sua pronúncia, a voz cheia de solidariedade: «Elisa Branco, Elisa Branco»... O que sei é que meia hora depois chegavam médicos para me examinar e a partir daí ficou um intérprete permanente em meu quarto. Não esperava causar tal reboliço...

NENHUMA INJEÇÃO

Elisa prossegue em sua narrativa:

— Durante todo o tempo em que estive doente, não tomei uma só injeção. Na União Soviética os médicos fazem tudo para que o sofri-

mento do doente não seja aumentado com o tratamento. Tomei penicilina e outros medicamentos, mas tudo por via oral. Também o tratamento pelo sono foi aplicado nesse meu resfriado, tanto que dormi quase 24 horas seguidas.

Ao Hotel foi levado também um aparelho de raios X e me explicaram que isto acontece sempre que os médicos acham desaconselhável ao enfermo abandonar o leito.

Os remédios na União Soviética são muito baratos. Elisa Branco exibiu-nos pequenos envelopes contendo alguns dos medicamentos que lhe foram ministrados durante sua enfermidade. São vendidos lacrados nas farmácias. Na parte externa do envelope lêem-se em caracteres russos ou latinos os nomes das substâncias empregadas, bem como a luta da fabricação. Não custam mais que um rublo e meio (Cr\$ 7,50 a 11 cruzeiros em nossa moeda) e contrastam vivamente na apresentação com os remédios nos países capitalistas, onde os laboratórios se empenham em fazer boas apresentações para concorrer entre si e justificar os altos preços de venda. São remédios eficientes e — por não virem sob a forma de injeção — facéis de tomar.

PASSOU O ANIVERSÁRIO EM MOSCOU

Continúa Elisa Branco: — Estava de cama quando fiz anos. Lembrei-me da família, do meu esposo, de minhas duas filhas e conversei a respeito com a enfermeira. Foi quando nova e agradável surpresa recebi. Do Comitê Soviético dos Partidários da Paz e de vários outros amigos, ganhei muitos presentes: vestidos para minha mãe e para as meninas, camisas para meu esposo, uma caixa de bombons, caixinhas laqueadas (obras de arte típicas da União Soviética), uma das quais com o meu retrato e o meu nome em russo,

brincos, colares, um estojo de finos perfumes e muitas outras coisas.

NUM DESFILE DE MODAS

— Logo que me restabeleci, Cláudia Gregoriovna, encarregada de receber as pessoas laureadas com o Prêmio Stalin, convidou-me para ir a uma casa de modas. Queriam dar-me um vestido, disse-me, acrescentando: «Elisa, é para quando você for receber o Prêmio».

Fomos à casa de modas. Em torno de uma espécie de palco desfiliavam jovens soviéticas, de corpo muito bem feito, exibindo os diversos tipos de vestidos. Senheças, sentadas em muitas dassem cadeiras dispostas em volta do palco, tomavam nota deste ou daquele detalhe, copiavam os modelos, etc... Para mim, que sempre trabalhei como costureira, foi muito interessante essa visita. É bem verdade que estávamos em pleno inverno soviético e não se viam senão mangas compridas ou, quando muito, mangas três quartos. O que mais me impressionou, porém, foi o cuidadoso acabamento dos vestidos e, sobretudo, a qualidade dos tecidos. Tudo muito bom, de primeira qualidade.

Uma novidade que me chamou a atenção foram as peças de tecidos já bordados. Aqui no Brasil, assim, bordados, só se encontram mesmo blusinhas, mas não peças com as quais se possam fazer vestidos. Escolhi um dos modelos e guardei este vestido com especial carinho. Foi com ele que recebi no Kremlin o Prêmio Stalin da Paz.

VISITA AO MUSEU DO KREMLIN

— No dia da entrega do Prêmio, dirigimo-nos ao Kremlin, os membros da delegação brasileira. Eram dez horas da manhã e só às 14 horas teria início a solenidade. Fomos antes para visitar o Museu do Kremlin. Acha-se instalado na antiga residência dos tzars e mais parece um conto de fadas do que a realidade. Ali estão guardados incalculáveis tesouros. Vimos, entre outras coisas, coroas ornadas com pedras preciosas de todos os tipos; lustres belíssimos e de enormes dimensões; o manto de Catarina II, com dez mil pérolas verdadeiras; os arreios dos cavalos dos tzars, onde se incrustavam pedras preciosas; baixelas e aparelhos de jantar de ouro e prata. As paredes da antiga residência dos reis da Rússia eram pintadas de ouro. Impressionaram-se particularmente, os objetos de uso pessoal do czar Ivan IV, conhecido como Ivan, o Terrível. Pela sua simplicidade, contrastam com os dos demais tzars, como é o caso de suas roupas e de uma enorme bota de couro — adequada para sua elevada estatura — feita por ele próprio. Ivan IV foi um dos mais progressistas governantes da Rússia zarista.

Artistas reconstituem os objetos sobre os quais se exerce a ação do tempo, não obstante os redobrados cuidados do governo para conservá-los, mantendo no interior do Museu temperatura e ar apropriados. Visitando o Museu me lembrei dos tempos passados, em que os tzars tinham de tudo e viviam na maior opulência, enquanto o povo se achava na maior miséria.

Ao deixar o Museu — pois estávamos em cima da hora da solenidade — passamos pelo jardim. O guia nos indicou com a mão, do outro lado, o edifício onde habita Stalin, o sábio e amado chefe do povo russo. Nesse pavilhão habitavam, antes dos criados do czar,



ELISA BRANCO ao lado de alguns presentes que recebeu em Moscou, por ocasião de seu aniversário. Sobre a mesa pode-se notar a pequena caixa tendo na tampa o retrato da heroína brasileira na luta pela paz.

A Entrega do Prêmio

A sala onde se realizou a sessão solene — continua a ter um aspecto austero. Possuí umas trezentas cadeiras. Na primeira fileira sentaram-se os delegados brasileiros. Estavam também presentes representantes das organizações de mulheres, jovens, dos trabalhadores, etc. A mesa tomaram assento o acadêmico Dmitri Skobeltsin, presidente do Comitê Distribuidor dos Prêmios Stalin da Paz, Jorge Amado, Nina Popova, presidente do Comitê Anti-Fascista de Mulheres e os escritores Verasimov e Ilya Ehrenburg. Abriu a sessão o acadêmico Skobeltsin, que em seu discurso afirmou, entre outras coisas: «A Colômbia é hoje a bandeira da luta libertadora dos povos».

Outros oradores também falaram, todos destacando a contribuição do povo brasileiro à causa da paz mundial, principalmente o fato de que nenhum soldado brasileiro, durante o novo cretano. Por fim, falei eu própria. O discurso que pronunciei já foi divulgado no Brasil. Reafirmei, ali, as palavras de nosso grande Protes de que o povo brasileiro jamais pegará em armas contra o nobre povo soviético. Disse também que continuaria a lutar cada vez com maior decisão pela legítima da faixa que abri no Fhangabaú, isto é, que os nossos filhos jamais irão para a Crócia matar os filhos de outras mães. O povo brasileiro não será agressor de qualquer outro povo.

«QUE LINDAS CRIANÇAS!»

Elisa Branco prossegue relatando outros episódios de sua visita à URSS:

Para 260 leitos da Maternidade Central de Moscou existem 120 médicos, ou seja, quase um médico para cada dois doentes. Além dessas, existem dezenas de outras maternidades nos bairros. Quando lá estive, havia 32 crianças nos berçários. Que lindas crianças! Mesmo os prematuros não são desenvolvidos quanto as nossas crianças de tempo. Interessei-me por saber como isto acontece. As gestantes são assistidas cuidadosamente pelos médicos desde o início da gravidez. A alimentação obedece a um regime rigoroso quando uma gestante fica mais gorda, sente até vergonha, pois as outras mulheres sabem que ela não está seguindo o regime alimentar que lhe passou o médico... Em consequência, a mortalidade infantil não existe e o parto não merece qualquer receio. Todas as internadas me disseram que o parto é sem dor. É feito à base de palestras, durante toda a gravidez e de exercícios físicos apropriados, e completamente sem drogas nem substâncias, como injeções e suturas.

Disse-me o diretor da maternidade, que é um homem muito simples, que só estão mesmo sujeitas a morrer aquelas parturientes que não podem ter filhos, segundo conclusões médicas, por serem portadoras de lesões no coração, nos pulmões, ou por incapacidade orgânica. Mesmo assim esse número é uma insignificância: uma em três ou cinco mil.

MESAS DE PARTO ACOLCHOADAS

Antes de ir para as mesas de parto — prossegue Elisa — as mulheres passam mais uma vez pelo aparelho de raios X e os médicos fazem uma última observação sobre a posição da criança, a fim de que tudo corra bem. Um detalhe que me chamou muito a atenção foram as mesas de parto. Aqui no Brasil, essas mesas são de ferro e a mulher tem que ficar ali, sobre o metal, todo o tempo que for necessário. Isso concorre muito para aumentar o natural nervosismo. Lá na União Soviética essas mesas são cobertas com um colchão

(não sei se de molas ou de penas, revestido de matéria plástica). Para o parto sem dor isto é muito importante.

Uma vez nascida a criança, a parturiente fica nove dias na cama, em repouso absoluto, e nos primeiros dias não pode receber qualquer visita, mesmo do marido. Depois de certo prazo as pessoas que a forem visitar têm que colocar aventais, gorros e máscaras esterilizadas. Assim se evitam infecções e se dá à mãe a máxima segurança, pois a mãe terá uma nova e maior responsabilidade que é a de criar o filhinho. E, note-se, tudo isso completamente gratuito.



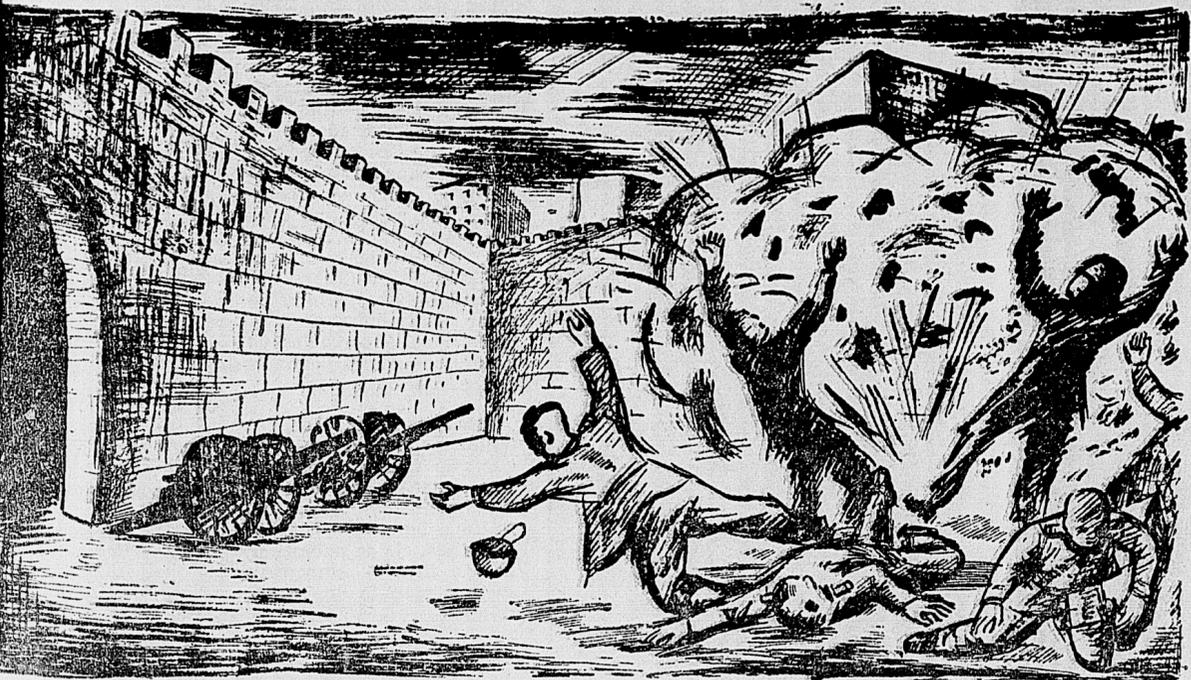
Foi com este vestido — presente do Comitê Soviético dos Partidários da Paz — que Elisa Branco recebeu no Kremlin o Prêmio Stalin Internacional

Com tais facilidades e mais o incomparável desenvolvimento da criança durante seu crescimento, é natural que na União Soviética a maternidade não seja um problema e muito menos o drama terrível que significa para tantas mães — sobretudo as jovens mães — no Brasil e nos países capitalistas em geral.

O diretor da Maternidade demonstrou grande interesse em conhecer a medicina no Brasil e me pediu que lhe enviasse fotografias de hospitais brasileiros. Na União Soviética, aliás, é geral esse interesse em manter toda espécie de intercâmbio com os outros povos.

A Paz Está em Toda Parte

— Tanto os adultos como as crianças na URSS — conclui Elisa Branco suas declarações à VOZ OPERÁRIA — quando falam conosco nunca se esquecem de uma palavra. Eles sempre se despedem de nós desejando-nos êxito no trabalho ou na vida e também invariavelmente, «êxito na luta pela paz». É geral o anseio de paz. O povo está preparado para a paz; isso não pode ser escondido por ninguém que visite a União Soviética. É este país que os americanos dizem desejar a guerra. É um absurdo! Os soviéticos querem a paz, vivem em paz e constroem uma vida ruidosa e pacífica. Por que iremos fazer guerra a esse povo? Para mim é o mesmo que pretender pisar as flores de um jardim. Não pouparei esforços para que isto jamais aconteça e para que sejamos cada vez mais amigos dos nossos amigos soviéticos.



APÓS A SUBITA EXPLOSAO, nove corpos jaziam sobre a terra, mutilados, sem vida. Horas depois, mais um expirava no hospital e ainda outro deixava de viver. O acidente ocorreu no quartel do CPOR de Porto Alegre, quando os alunos colocavam uma mina terrestre. No sinistro balanço, entram ainda 30 feridos. A frequência com que tais acidentes vêm se verificando não é casual: decorre do aqodamento da preparação guerreira no Brasil, da pressa em fabricar carne para canhão. No CPOR, o prazo para formação de oficiais foi reduzido de três para dois anos. O resultado é este: famílias enlutadas, jovens e futuras vidas perdidas

7 DIAS NQ BRASIL

EXPORTAÇÃO DE AÇUCAR

OS JORNAIS da reação estão fazendo enorme es-tardalhaço com as exportações de açúcar feitas ultimamente pelo Instituto do Açúcar e do Alcool. Numa pretensa defesa dos interesses do povo acusam o Instituto de estar vendendo açúcar à China Popular a Cr\$ 1.40 o quilo, quando o consumidor nacional paga Cr\$ 5.20. Dessa forma, dizem esses jornais, o consumidor brasileiro paga um preço exorbitante para financiar a exportação a preços baixos... para os comunistas. A má fé é evidente, a falsificação dos fatos é barrante. Em primeiro lugar o governo de Vargas, não mantém relações com a China Popular. Em segundo lugar, a venda do açúcar, uma negociação escandalosa, é feita aos imperialistas ingleses que o revendem com grossos lucros à China Popular. Isso não é novidade. Os ingleses ganham fortunas revendendo o café brasileiro à URSS da qual chegam a cobrar 14 contos a saca. Portanto, a conclusão é que somos roubados pelos imperialistas anglo-americanos. E o único meio de acabar com a roubalheira é reatar relações diplomáticas e comerciais com os países socialistas.

MAIS UMA AÇÃO CAMPONESA

EM ANDRADINA, Estado de São Paulo, um grupo de camponeses se apossou de todo um carregamento de arroz transportado por um caminhão que se dirigia para o norte do Paraná. Os camponeses distribuíram equitativamente o arroz e forneceram ao motorista do caminhão seus nomes e endereços, declarando que tomavam aquela atitude porque não queriam morrer de fome com suas famílias. Este fato está mostrando claramente a que grave situação foram lançadas as massas camponesas pela política de guerra do governo. Os jornais falam na prolongada seca como causa da penúria. Mas a verdadeira causa está na ruína da plantação do algodão, fato pelo qual o governo é o grande responsável. Os camponeses não se deixam esfomear sem luta.

UMA AÇÃO DE DESPEJO POR HORA

DURANTE O ANO FINDO, revela uma estatística, aumentou o número de despejos. Só no Rio de Janeiro são atualmente requeridas 24 ações de despejo por dia, ou seja uma por hora. É de notar que cresce o número de despejos por falta de pagamento do aluguel. O juiz Euclides Felix de Souza atribui o fato aos salários de fome. Com efeito, qual o inquilino que não cuida de defender o teto de sua família? Mas com a alta crescente do custo da vida o dinheiro do trabalhador e das pessoas da classe média é cada vez mais curto no fim do mês. Por aí se vê que a lei do inquilinato nada pode resolver enquanto persistirem as causas da carestia e da crise de habitações, a política de guerra e a dominação ianque.

MR. JOHNSON EXIGE A PETROBRAS

O PATRIOTISMO de nosso povo é alertado pelo recrudescimento da propaganda governista, que reclama a mais rápida aprovação do projeto entregue à Petrobras pelo Senado. O embaixador Johnson está impaciente e aperta o torniquete nos fâmulos do Catete. Para o embaixador dos trustes americanos era até dispensável o envio do projeto ao Senado. Ele alega, para isso, que o voto alcançado na Câmara a favor da Petrobras foi o resultado de entendimento entre os partidos, que, afinal, são os mesmos que estão representados no Senado. Por isso, mr. Johnson protesta contra as emendas do Senado. O gringo dá ordens com a máxima insolência. O momento exige, portanto, a vigilância dos patriotas.

MAIS SEVERO O RACIONAMENTO DA LIGHT

Chovia a cantaros quando o governo anunciou a «necessidade» de novo racionamento (racionar o que já está racionado) da luz e força por causa da seca. A Light continua ditando leis neste país. O resultado é que bairros inteiros, com suas indústrias, comércio, hospitais e escolas, ficam horas a fio sem luz. Em São Paulo, por exemplo, a ameaça de desemprego imediato e total pesa sobre 20.000 têxteis. Com o atual corte no fornecimento de energia, disse um orador na assembléa sindical da-quelés trabalhadores, um corte diário de três horas, são perdidas 300.000 horas de trabalho só na fiação e tecelagem onde trabalham com mil operários, que ganham por hora ou por peça. Os trabalhadores dirigiram-se ao governo reclamando a nacionalização da Light. Isto é o que realmente pode resolver. Isto só pode ser feito por um governo do povo e não por um governo dos trustes, como o de Getúlio.

Minério Não Dá Segunda Safra

**BORRACHA
BRASILEIRA
NO ESFORÇO
DE GUERRA**

RESURGIMENTO DA AMAZONIA

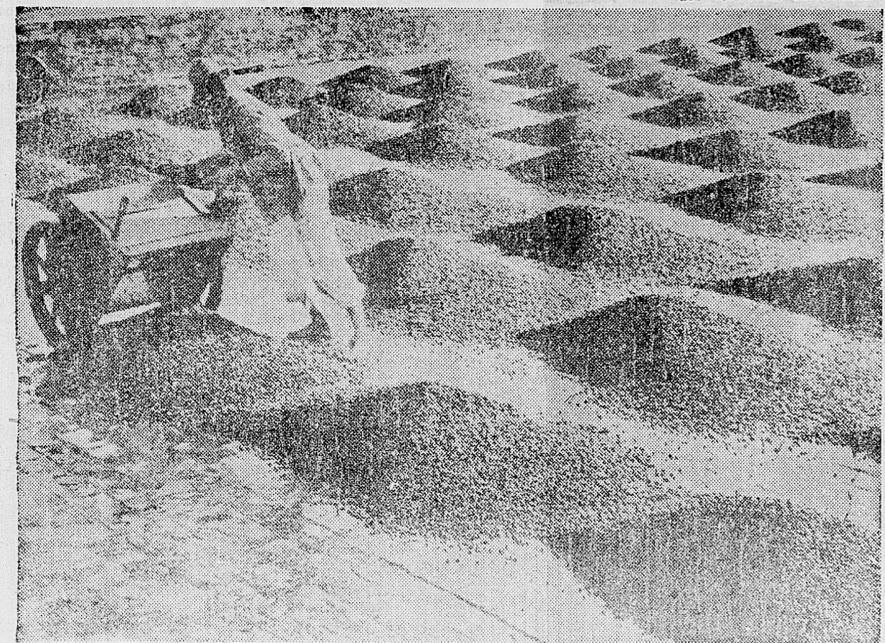
COMISSÃO DE CONTROLE DOS ACÓRDOS DE WASHINGTON
Presidente: Dr. Sérgio Corrêa
Diretor: Dr. Sérgio Corrêa

BANCO DE CRÉDITO DA BORRACHA S.A.
Presidente: Dr. Sérgio Corrêa
Diretor: Dr. Sérgio Corrêa

RUBBER DEVELOPMENT CORPORATION
Presidente: Washington
Diretor: Rio

Associação de Produtores de Borracha do Brasil
Presidente: Washington
Diretor: Rio

Os americanos estão de posse das ricas jazidas de manganês do Amapá, na margem esquerda do Amazonas. E falam em «civilizar» a região ainda coberta de selva virgem, abrir estradas e dar trabalho aos brasileiros. O mesmo ditam na época da «batalha», quando os «acordos de Washington» firmados por Getúlio Vargas em março de 1942, lhes davam a posse monopolista de nessa borracha. A «Rubber Development Corporation», diretamente controlada pelo Departamento de Estado, impunha preços e participava da direção do Banco da Borracha. 30.000 brasileiros morreram ou ficaram inválidos na floresta amazônica. Isso é que significam a «ajuda» e o «controle econômico» dos americanos, como determina o infame acordo militar.



O CAPE JÁ ESTÁ SOB O REGIME DE «PREÇO-TETO». Ao mesmo tempo os imperialistas, que impedem a exportação do café para a União Soviética e as Democracias Populares, estimulam a produção a baixo custo nas suas colônias africanas. Assim preparam a baixa dos preços do café, a crise de graves consequências.

O ACORDO MILITAR SIGNIFICA A DESORGANIZAÇÃO E A RUINA

As cláusulas econômicas do acordo militar reduzem a produção do Brasil a simples almoxarifado colonial de produtos de guerra — Mr. Berle Jr. proibiu a produção de castanhas do Pará e Mr. Johnson impediu a venda de cacau à Tchecoslováquia — As listas negras e a experiência dramática dos famigerados «Acordos de Washington»

No mês de junho de 1951 o Itamarati recebeu um ofício da embaixada americana proibindo que se realizasse a venda de grande partida de cacau brasileiro para a Tchecoslováquia. O sr. João Neves jamais divulgou este fato nas suas famigeradas sobre as «realizações» de sua gestão à frente do Itamarati. Mas nos meios interessados na transação transpirou ao menos a parte da verdade. A embaixada americana, em termos rudes de amo para o servo, declarava que não podia permitir o negócio porque se tratava de cacau e principalmente porque se tratava de cacau para a Tchecoslováquia. O cacau é classificado pelos americanos como «alimento especial para as tropas militares» e, sendo assim, iria contribuir para alimentar soldados numa democracia popular. E de acordo com os «controles econômicos» determinados pela lei americana de «segurança mutua», o «Battle Act», não podia ser exportado para uma nação «inimiga».

É interessante notar que, na mesma época, o senador Hamilton Nogueira fazia furibundos discursos, pleiteando o rompimento de relações com a Tchecoslováquia, que queria (e ainda quer) comprar nosso cacau, com a Polónia que queria (e continua querendo) adquirir nossos produtos. Está se vendo quem é que inspirava os discursos anti-comunistas do senador Hamilton Nogueira.

As estatísticas revelam que a nossa exportação de cacau em amendoas caiu em 50 por cento do seu valor. O cacau está em crise, é «gravoso», quer dizer, o preço que os americanos pagam por ele é inferior ao custo da produção. E' claro, portanto, o verdadeiro motivo da proibição do embalador inane. Pois, vendendo só para os Estados Unidos eles estipulam o preço que querem para os nossos produtos.

ATESTADO DE IDEOLOGIA PARA O COMERCIO

Este exemplo, que é atual, mostra o que significa na realidade a aplicação dos «controles econômicos»

do «Battle Act»: o controle de nosso comércio, a crise dos nossos produtos tradicionais de exportação, com prejuízos enormes para a economia nacional, a fome e a miséria para os trabalhadores da cidade e do campo.

O acordo militar com os Estados Unidos, que o governo Vargas quer fazer ratificar nesta sessão extraordinária do Congresso, transforma o «Battle Act» em lei obrigatória para o Brasil. Estabelece, no quadro do domínio imperialista sobre a economia nacional, um absurdo atestado de ideologia para o comércio. A lei americana exclui da relação de clientes da produção dos países que caem sob seu domínio mercados tão importantes como a União Soviética (200 milhões de habitantes), a China Popular (473 milhões de habitantes), as democracias populares do centro-leste europeu e outros países.

Esta lista negra pode, portanto, incluir qualquer país que não queira cumprir as determinações dos monopólios americanos. Mas não se trata de uma lista negra só de países, ela se refere também a firmas comerciais, como é previsto no acordo militar.

ACORDOS DE WASHINGTON, ESPOLIAÇÃO ILIMITADA

A experiência dos «acordos de Washington», que vigoraram durante a guerra



Um plantador médio protesta em altos brados, num comício do interior paulista, contra os baixos impostos pelo governo obediente às exigências dos monopólios americanos.

passada (começaram em 1942) é muito recente que nosso povo esquece que significa entregar para os americanos o controle do comércio e da produção como hoje exige o militar.

O objetivo dos «acordos de Washington» era o enriquecimento monopolista americano de toda a produção brasileira, na prática. Eles se referiam aos rios de ferro e estradas (areias monaziticas, manganês, tungstênio, bauxita, níquel, etc.), a chá, mamona, baboçá, linter de algodão, cacauína, aniagem, castanha, cacau, pirite, etc.

Tal como prevê o acordo militar, que coloca o controle do trabalho e as zonas naturais de nosso país sob o domínio arbitrário do «trador» americano, a aplicação dos «acordos de Washington» estava sob o controle direto do Departamento de Estado, que age por intermédio de sua agência de comércio. Para com qualquer país estrangeiro a licença americana para o nosso país não foi impedidamente.

Os preços dos nossos produtos eram fixados pelos americanos: subiram os preços dos artigos importados.

DOIS EXEMPLOS DE BORRACHA E CAÇA NA DO PARÁ

Atrás do rótulo de «da borracha» estava o pólio americano sobre a produção brasileira. Os trabalhadores foram para a Amazônia pela S. (Serviço Especial de Educação de Trabalhadores da Amazônia) e pela C. (Comissão de Abastecimento e Encaminhamento) operários morreram e ficaram inutilizados. E

EXAUSTÃO DE NOSSAS RIQUEZAS, TOTAL DA ECONOMIA BRASILEIRA



Um plantador médio protesta em altos brados, num comício do interior paulista, contra os baixos impostos pelo governo obediente às exigências dos monopólios americanos.

Os americanos pagavam 9,00 pelo quilo de berracha. Na mesma época, a berracha venezuelana era vendida até 32,00 o kg. e a Argentina nos ofereceu até 100,00 o kg. O executor dessa política era o vende-pátria Valentim Bouças, hoje figurado na Comissão Mista Brasil-Estados Unidos.

Nos anos de 1943-44 os americanos tomaram medidas para limitar a produção da castanha do Pará. As Associações Comerciais do Amazonas e do Pará fizeram memorias pedindo permissão ao embalador Berle para continuar produzindo castanhas. A permissão não foi dada e os prejuízos só em três safras elevaram-se a mais de 700 milhões de cruzeiros. Pedir licença para produzir a um embalador estrangeiro, eis no que dá o controle econômico previsto nos tratados com os ingleses. Desorganização da economia e humilhação diante dos americanos, eis o que significa o acordo militar.

O café que já está sob o regime do «preço-teto», bem como o cacau, era e continua sendo revendido pelos americanos com grandes lucros. Os «acordos de Washington» autorizavam essa revenda inclusive para o próprio Brasil.

MINERIOS PARA A GUERRA

NÃO HÁ SÓ MINERIOS, HA TAMBEM MINEIROS

Neste momento, já se pode ver até que limites extremos vai a desorganização de nossa economia pelos americanos. O transporte no Vale do Rio Doce está sendo monopolizado pelos minérios que se destinam aos Estados Unidos. Tarifas discriminatórias são impostas. Uma tonelada de ferro não dá para um frete três

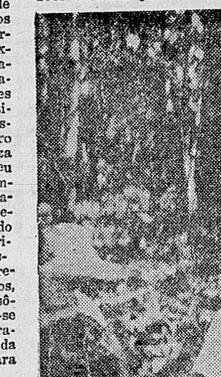
vezes maior do que uma de minério. A produção é de 83,00 para 235,00. A situação é tão grave que as organizações comerciais da região tiveram que lançar a advertência; não há só minérios, há também mineiros. O comércio se dispõe a resistir, os mineiros não se deixarão matar de fome.

Outro exemplo da desorganização da economia nacional é a situação dos produtos chamados «gravosos». Já está a crise do algodão, do cacau, do babaçu, etc. Essa situação afeta toda a população rural do país. Isto é, a maioria do povo brasileiro lançado na miséria. Além de reduzir o mercado externo a um único comprador, os americanos aniquilam o mercado interno.

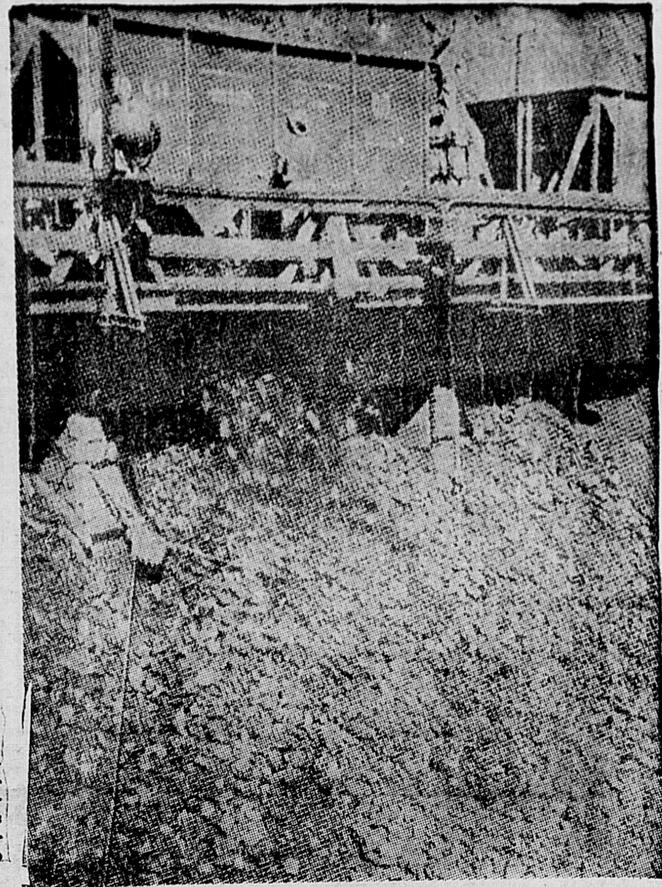
TEMOR GENERALIZADO DA LISTA NEGRA

A ameaça de ratificação do acordo militar generaliza o temor da lista negra. Por exemplo, uma firma gaucha dispõe-se a sofrer prejuízos renunciando à sua representação de automóveis checos «Skoda» temendo perder negócios com firmas americanas. Comerciantes recebem «avisos amigáveis» sobre dificuldades cambiais, de crédito nos bancos, de transportes, se não se submeterem.

Tudo isto é apenas um sinal da desgraça que seria para a economia nacional a ratificação do acordo militar. Lutar contra esse monstruoso tratado de colonização e guerra é uma necessidade imperiosa para os brasileiros de todos os setores de atividade, profissionais e idéias políticas.



O CACAU ESTÁ EM CRISE. O valor da exportação em 1952 caiu em 50 por cento em relação a 1951. Como únicos compradores os ingleses ditam os preços e decidem sobre o destino da cacauicultura. O acordo militar visa manter e consolidar esta situação contra os interesses do Brasil.



Em Vitória, ponto de escoamento dos minérios de ferro e manganês do riquíssimo Vale do Rio Doce para as fábricas de armamentos dos Estados Unidos, foram postas em funcionamento as mais modernas instalações portuárias. Tudo para o transporte de minérios, o resto que se dane. Por isso, tais melhoramentos contrastam com a situação de declínio dos portos dedicados ao comércio de paz. Em Vitória, um sistema de trilhos realiza com rapidez a passagem direta do minério das composições ferroviárias para os navios americanos. O que se vê acima é a descarga de minério traidor do morro do Cruz. Os americanos estão transportando integralmente uma verdadeira montanha de ferro do Brasil para seus arsenais. Basta dizer que o topo do morro já tem menos de 18 metros de altura. E' um símbolo do desgaste inexorável de nossas reservas minerais. Minério não é como floresta que se pode plantar de novo. Uma vez esgotada uma jazida a perda é definitiva. O acordo militar em discussão na Câmara determina a entrega obrigatória de todas as nossas riquezas minerais aos americanos.



O CACAU ESTÁ EM CRISE. O valor da exportação em 1952 caiu em 50 por cento em relação a 1951. Como únicos compradores os ingleses ditam os preços e decidem sobre o destino da cacauicultura. O acordo militar visa manter e consolidar esta situação contra os interesses do Brasil.

A Medida Das Coisas (O SISTEMA MÉTRICO DECIMAL)

DESDE cedo, a humanidade necessitou de medir as coisas, isto é, de avaliar uma quantidade, comparando-a com outra quantidade determinada que desempenhasse o papel de PADRÃO, de MEDIDA PADRÃO.

Alguns dos primeiros padrões usados foram relacionados com o próprio homem. Assim o pé, o passo, o palmo, etc. Aliás essas medidas continuam a ser usadas por todos nós até hoje, para mensurações simples, de uso individual ou que não precisam ser muito exatas, pois os tamanhos dos pés variam, como dos passos ou dos palmos.

Mas simples medidas individuais não poderiam, evidentemente, satisfazer às necessidades sociais. Como se poderiam entender os homens sobre medidas se não criassem padrões válidos para todo o grupo social? De que adiantaria, por exemplo, dizer que um rio tem tantas varas de largura, se não houvesse um tamanho de vara padrão pelo qual todos pudessem se regular?

Cada povo foi, portanto, criando os seus padrões de medidas, mais ou menos desenvolvido, conforme as exigências do progresso social.

Medidas aperfeiçoadas chegaram a ter grande generalização, como foi o caso das medidas romanas que, além de mais aperfeiçoadas eram impostas na época do Império Romano. Na realidade, porém, as antigas medidas dos povos conquistados subsistiam paralela-

mente ao sistema romano, pois o entrelaçamento econômico desses povos não era de molde a consolidar qualquer unificação de medidas.

Por isso mesmo, após a queda daquele Império houve novamente, na Europa, uma grande variedade de medidas-padrão. Quando, no tempo de Carlos Magno, ocorreu novamente uma grande centralização política isso repercutiu nas medidas. Esse imperador, no ano 789 de nossa era, procurou também estabelecer padrões uniformes para todos os seus domínios. Todavia, a nova descentralização que se seguiu, na época do feudalismo, pôs novamente por terra as tentativas de uniformidade de medidas para quase toda a Europa. Cada feudo tinha seus próprios padrões alguns deles subsistentes desde a época romana.

A firme generalização

em amplas áreas geográficas e vastas organizações sociais das mesmas medidas foi obra do capitalismo. A burguesia, unificando cada vez mais os mercados, necessitou de unificar as medidas. Tanto mais se difundiu o capitalismo, quanto mais se unificaram as medidas.

Tal foi o que aconteceu, por exemplo, na França, durante a revolução francesa. Progressista nesse tempo, a burguesia revolucionária da França não somente unificou as medidas em seu país, como deu a todo o mundo as medidas mais perfeitas que até hoje foram postas em uso.

Para isso uma comissão de sábios, entre os quais Laplace, Monge, Lavoisier e Condorcet, tomou como ponto de partida a quarta parte do meridiano terrestre, isto é, a distância que vai do equador da terra a um dos polos. Para calcular o comprimento do quadrante terrestre mediu-se a distância entre Barcelona (Espanha) e Dunquerque (França).

A décima milionésima parte do comprimento do quadrante foi adotada como unidade de comprimento. Essa unidade é o metro.

Mais tarde verificou-se ter havido erro na medida do quadrante. Por isso dizemos hoje que o metro é a distância que a temperatura de 0° centígrados separa dois traços de referência a e b marcada sobre uma barra de platina iridiada, com seção transversal em X, de-

Das grandes potências somente os Estados Unidos e a Inglaterra mantêm-se impermeáveis a essa conquista do progresso e continuam a usar suas antiquas medidas que procuram impor aos países sob sua influência. Assim sucedeu, por exemplo, no Projeto da Petrobrás que se revelou americano em todas as medidas preconizadas, inclusive na medida das coisas, assunto em que foram incluídos padrões ianques

positada no Observatório de Paris.

A partir do metro foi criado todo um sistema de medidas: o sistema métrico decimal que é o adotado em nosso país.

É um sistema porque forma um conjunto de unidades, deduzidas umas das outras; é métrico porque toma por base o metro; é decimal porque procede por grupos de dez.

A partir do metro foram estabelecidas as demais unidades de medida: metro quadrado (unidade de superfície); metro cúbico (unidade de volume); are (unidade para superfícies agrárias); grama (unidade de peso); decímetro cúbico (litro) (unidade para medir volumes líquidos).

Desde 1875, quando foi assinada a Convenção do Metro o sistema métrico decimal foi oficialmente adotado por diversos Estados. No Brasil, entretanto, fora ele adotado desde 1.º de janeiro de 1974. Antes, usavam-se em nosso país medidas diversas das quais algumas ainda permanecem em voga, como a légua, o alqueire mineiro e o alqueire paulista, enquanto outras foram abandonadas como o côvado, a canna, o moio e a onça.

Os Estados Unidos, a Irlanda e a China semi-feudal não subscreveram, porém, a Convenção do Metro.

No entanto, a Rússia Soviética adotou posteriormente o sistema métrico e na China Popular sua difusão acelera-se cada vez mais.



A OPERAÇÃO ESTAVA EM MEIO, quando a luz começou a diminuir. Nos olhos do médico e da enfermeira, se refletiu o pavor... Sim, era uma vida que estava em jogo e se faltasse energia a transfusão de sangue seria interrompida e um jovem coração deixaria de pulsar. Um segundo depois, tudo era escuridão naquela sala do Hospital Miguel Couto. Num desesperado esforço, o jovem acidentado foi transferido para o Pronto Socorro, mas os minutos que decorreram até sua chegada foram fatais. Manoel Martins Gonçalves Filho, que fora atropelado por um ônibus, na rua Real Grandessa, sofrendo sérios ferimentos, perdia a vida. Não tinha mais do que quinze anos, sobre seu futuro os pais depositavam risonhas esperanças. A amarga ocorrência não mereceu senão um discreto registro pela imprensa casadia. Falar sobre o assunto era acusar a Light, que além de roubar o nosso povo, de impedir o progresso do país, ainda tira a vida de cidadãos brasileiros. É oportuno notar: quando se anuncia uma greve dos operários da Light, a companhia imperialista se utiliza dessa imprensa para lançar os operários contra a população. E um dos seus argumentos preferidos exatamente este: se houver greve, que vai ser dos hospitais, quantas pessoas não perecerão por falta de socorros de urgência? Então, a imprensa se alia contra os trabalhadores que apenas lutam por um pedaço de pão, criando todo um clima favorável ao terror costumeiro. Mas, a Light já encheu as medidas do nosso povo e pela sua nacionalização clamam novas e sempre mais numerosas vozes, amplos setores da população, cansados de sofrer com a empresa que exporta do Brasil os mais polpidos lucros e que nada de útil nos dá em troca.



CRÔNICA INTERNACIONAL

AS SINISTRAS ATIVIDADES DE DULLES E EISENHOWER

Os incendiários de guerra norte-americanos intensificaram esta semana suas tenebrosas atividades. O chanceler americano John Foster Dulles, pouco depois de um discurso cheio de ameaças contra os governantes títeres da Europa ocidental, foi vê-los pessoalmente, com o objetivo declarado de apressar a formação de chamado Exército Europeu, instrumento de agressão contra a URSS e as Democracias Populares. Ao mesmo tempo, o Gal. Eisenhower anuncia, sob a eufemística expressão «desneutralizar Formosa», seu propósito de estender ao território chinês o conflito coreano. Esta a tradução clara, inequívoca, daquelas palavras. E isto não precisa ser demonstrado, desde que é reconhecido pelo próprio general Bradley, chefe do estado-maior das forças armadas americanas, e pelos próprios círculos dirigentes da Inglaterra, sócios menores dos imperialistas ianques. Tanto mais quando, além de tudo, os agressores ainda falam em bicuear a China.

Procurando estabelecer a confusão, para melhor agir, o general da Casa Branca empregou a palavra «desneutralizar» para que pudesse ser entendida em dois sentidos, inteiramente falsos os dois. No sentido de que estaria anunciando um ato de pirataria (a conquista brutal de uma ilha chinesa pelas forças navais americanas, com a cumplicidade do traidor Chiang Kai Shek), e também no sentido, aliás contrário ao outro, de que a ocupação do Es. ei-

to de Formosa pela 7.ª Esquadra foi ordenada por Truman com o fim de impedir que Chiang atacasse o continente chinês — o que pode parecer ridículo, mas é sobretudo cinico.

Todos sabem que o cão Chiang teve de refugiar-se na ilha em que ainda se encontra por não ter conseguido, apesar dos dólares e das armas ianques, apesar dos monstruosos crimes e do terror de seu governo, barrar a marcha libertadora dos exércitos de Mao Tsé-Tung. E só se acha ainda lá sob a proteção das armas dos gangsters de Washington. Que os americanos se retirem da ilha e do estreito, é uma exigência do povo chinês e de todos os povos amantes da paz. Mas o que Eisenhower pretende é utilizar as hordas de Chiang, pagas em dólares e equipadas com armas «made in USA», para alimentar a fogueira da guerra e ampliá-la.

A política externa de Eisenhower é essencialmente idêntica à de Truman, já que os padrões de ambos são os mesmos. A diferença é apenas de método. Convém lem-

brar que os imperialistas ianques, ao mandar seus marionetes de Seul desencadearem a agressão contra a República Democrática Popular da Coreia, visavam apenas a um pretexto. E com esse pretexto, desferiram três golpes simultâneos: intervieram na Coreia (esperavam dominar primeiro esse país e em seguida a China), colocaram oficialmente sob sua tutela as Filipinas e apoderaram-se desavergonhadamente da Ilha Formosa. Era o plano de dominação da Ásia, como primeiro passo para a dominação mundial, segundo seus delirantes intentos.

Como se sabe, a heróica resistência dos coreanos estragou-lhes os cálculos. Contudo a guerra da Coreia sempre produziu resultados para os imperialistas, a bratos com seus graves e inevitáveis problemas econômicos. No informe ao XIX Congresso do P. C. da U.R.S.S., Malenkov mostra com dados estatísticos como, de 1929 a 1951, enquanto a produção industrial na URSS cresceu de 13 vezes, a produção industrial ianque apenas duplicou, tendo-se estagna-

do durante todo o período de 29 a 39, elevando-se depois, na segunda guerra mundial, para em seguida reduzir-se sensivelmente e só tornar a crescer em consequência do desencadeamento da guerra contra o povo coreano e da passagem para a desenfreada corrida armamentista. E isto, para não falar nos fabulosos lucros dos armamentistas.

Dai que a cessação do conflito da Coreia, exigida por todos os povos, inclusive pelo povo americano, ponha em desespero os «businessmen» americanos e seus agentes governamentais. Ao invés de cessação, eles querem ampliação da guerra. Mas nesse caminho eles se chocam com os seus próprios sócios ingleses, que têm interesses específicos, diferentes no Extremo Oriente e por isso se opõem e protestam mesmo contra a decisão de Eisenhower. Entretanto, não é possível subestimar o perigo de guerra que aumenta neste momento, a ameaça que se agrava para a paz mundial. Sobretudo, devemos compreender, como todos os povos, que é a força dos protestos populares, a intensificação da luta pela paz que poderá mais uma vez impedir que se concretizem os alucinados planos belpela paz que poder mais uma vez impedir licistas de Eisenhower e seus patrões, e fazer com que se extinga imediatamente o fogo na Coreia, como medida principal, urgente, indispensável para assegurar a paz mundial.

O DESCRENTE

Nikolai Evgrafitch é conhecido por dois apelidos na aldeia: ora é chamado de Cicerone, ora de Vovô Busca-pé. Tem tanta energia que está em toda parte e é irrequieto como um peixe. Sua barba imponente, outrora de um ruivo flamejante, encanecera intensamente.

— Que magnífica pelica caçavam as moças, deixava longe as mais belas raposas prateadas!

— Vou dá-la como presente de casamento à minha neta mais moça. Será um enfeite de fazer vocês estourarem de inveja, responde o malicioso velhote.

Em todo o colcós em todo o distrito mesmo, não há uma só pessoa que não conheça alguma anedota curiosa sobre Vovô Busca-pé. Assim, mal dera bom dia ao diretor do clube de Verkovié e ele já me dizia:

— Nosso Evgrafitch tem uma nova profissão. Tornou-se guia... um cicerone fabuloso!

Eis como se deu o caso. Alguns visitantes estrangeiros tinham vindo conhecer o colcós. Era uma delegação composta de operários, camponeses e representantes de diversos partidos políticos. Todos observavam, perguntavam, e tudo ia correndo muito bem. Mas, entre os turistas, havia um velhote que se apresentava como dirigente sindical e que demonstrava hostilidade a tudo que via. Esta personagem teria com certos ritos pensamentos, mas um vocabulário muito pobre para expressá-los. Resumia tudo numa palavra: Propaganda! «O tipo acabado do descrente», comentavam os outros delegados.

Nosso cético farejava o colcós em todos os sentidos exibindo sempre um sorriso atravessado, e rezingava como a nova serra elétrica que os carpinteiros da aldeia instalaram na sua oficina. Só gostou de uma coisa: dos bombons moços, chamados com muita graça «Chavezinhas de ouro». Quando um bombon se berretia na sua boca, nosso cético exclamava: «Pro-

Conto de Boris Privalov

paganda! Em seguida tomava outro bombon e mal o tinha provado lá vinha um novo «Propaganda!»

A noite os visitantes se reuniram na sede do colcós. Ao jantar seguiu-se um chá perfumado e outras pequenas guloseimas. A conversa tornou-se tão viva que o intérprete não sabia mais como se haver. E eis que em meio dessa animada palestra estourou o «Propaganda!» de nosso cético.

— Sim, exclama. Tudo que vimos hoje não passa de propaganda comunista. Posso prová-lo... Disseram-nos que estamos em Verkovié, mas este lugar nada tem de parecido com o verdadeiro Verkovié. Estamos numa povoação modelo, destinada a ser visitada por turistas, e que em cada oportunidade é batizada com um novo nome...

Os colcosianos ficaram boquiabertos. O próprio intérprete, que durante a sua carreira já topara com uns tipos bem teimosos, ficou estatelado. Vovô Busca-pé foi o primeiro a recuperar a presença de espírito. Disse ao intérprete:

— Pois bem, que ele apresente suas provas.

— Com todo o prazer, tornou rápido o cético. E tirou do bolso um guia editado em 1925.

— Esta aldeia chama-se de fato Verkovié, do distrito de Dzybinsk?

— Exatamente! respondeu os colcosianos.

— Pois tenho aqui em meu guia uma fotografia de Verkovié, com uma descrição de seus arredores. Eis o que diz: «A aldeia situada à margem do rio Dzyba, num pitoresco pequeno vale entrecortado por escarpas». E que nos mostraram hoje? Um povoado a cavaleiro de uma colina, sem escarpas nem vale de espécie alguma... Rio? tanto quanto na minha mão. Vocês não vão querer dizer que o lago que banha a aldeia é o tal rio Dzyba! Mesmo levando em conta todas as construções novas, a velha aldeia não se teria evaporado! Vejamos! A fotografia mostra umas 40 casa...

Os colcosianos olhavam a fotografia e puseram-se a rir.

— Olhem! Foi tirado do celeiro de Gritsenko, o moleiro, disse Serguêi Garbusov.

— Bem, camaradas, atalhou Vovô Busca-pé. Acho que precisamos mostrar a nossos hóspedes a antiga Verkovié.

— Ai está, explicou o cético. Agora eles se dispõem a nos mostrar a verdadeira Verkovié. Eu bem dizia que o que vimos hoje não passava de propaganda!

Hoje, disse o presidente do colcós os senhores visitaram Verkovié, e amanhã, se fizer bom tempo e não houver ventania, verão também Verkovié. Nosso amigo Nikolai Evgrafitch será o cicerone...

Pela manhã, depois do café, Vovô Busca-pé conduziu os delegados ao embarcadouro do lago artificial, ou, como é chamado ali, do mar de Dzybinsk. Uma verdadeira flotilha estava à espera: duas lanças e três barcos. Imediatamente largou-se as amarras e a flotilha rumou para «alto mar»: No céu puro as galvotas esvoaçavam. De tão branda, a brisa mal frisava as águas. Ao longo, o lago se confundia com uma bruma rosea.

— Atenção! exclamou subitamente Vovô Busca-pé. Estamos chegando...

Seus olhos riam. Os delegados se entreolhavam. Quanto ao cético, esquadrihavam impaciente a margem distante.

— Aqui! lhe disse Vovô Busca-pé.

— Aqui o que?

— A seus pés, ora essa, no fundo d'água... Sim agora temos que procurar o passado lá em baixo, bem no fundo... Os senhores estão vendo a aldeia de Verkovié tal como era há 20 anos, no período pré-colcosiano, ou, se quiserem, antes da construção da barragem sobre o rio Dzyba e a formação do lago. Auxiliados pelo Estado reconstruímos a aldeia num novo local e abandonamos aos peixes a velha Verkovié. Só servia para isso. Agora, se precisássemos nos mudar, faríamos como em Tsimlianskaia, ou quando se formou o mar de Moscou: levaríamos as casas conosco. Agora elas bem que valem à pena. Mas digam-me: que poderíamos fazer dessas velhas caba-

nas tortas e destas isbas em ruínas?

O sol atravessa o lençol azulado das águas. Os olhos acostumaram-se ao claro-es-curo das profundezas, onde pareciam mover-se as silhuetas das isbas e ondular os troncos das arvores.

— Olhem, disse Vovô Busca-pé. Foi neste buraco que eu nasci. Lá havia um pequeno celeiro. Em suas ruínas mora hoje um bagre, maior do que eu era naquele momento solene... A pequena isba à esquerda era a casa dos Chatov, a família de Grigorievna, hoje Heroína do Trabalho Socialista. Olhem, um cardume de peixes vai entrando pela janela... E o sr, cavalheiro, que ficou hospedado esta noite na casa dos Chatov, que tal achou seu novo apartamento? Dormiu bem? Teve belos sonhos?

— Propaganda! rezingou o cético.

— Então, foi porque estava tudo ótimo, respondeu Vovô Busca-pé, sob as risadas dos demais. Nada posso dizer dos seus sonhos. Mas posso garantir que os Chatov têm camas de uma maciez!...

Lentamente, a flotilha foi acompanhando a rua principal.

— Por favor, verifique em sua fotografia, disse Vovô Busca-pé. Estamos exatamente em cima do lugar de onde ela foi tirada. Aqui ficava a casa do moleiro Gritsenko... Então? Não é verdade que foi a velha Verkovié que foi fotografada? Ai temos. A propaganda afinal é apenas um fato histórico! Hoje o sr. pode ver nosso passado, da mesma forma por que ontem viu o nosso presente... E obrigado, cavalheiro, pela boa idéia que nos deu.

— Agradecer a mim! Por que? pergunta espantado o cético.

— Porque o sr. nos deu a idéia de abrir uma filial no clube: um museu da vida de antanho, e que será chamado «A Verkovié do período pré-colcosiano»

Vovô Busca-pé continuou a mostrar a Verkovié submarina. Quando as lanças e barcos voltavam à margem, o cético atirou o seu guia pela borda.

— Felizmente os peixes não sabem ler, sussurrou Vovô Busca-pé ao ouvido do



piloto, pois iriam morrer de frio. Estaríamos bem arranjados para pescar, meu velho!

Foi depois desta expedição que todo mundo passou a chamar Vovô Busca-pé de Cicerone.

Uma cidade Jardim

Reconstruída depois da guerra, Voronej é hoje chamada a «cidade jardim».

De suas 20.000 casas ficaram de pé somente 1.500, quando os nazistas foram expulsos a 25 de janeiro de 1943. A reconstrução começou imediatamente. Em março abriam-se as primeiras escolas e os hospitais voltavam a funcionar. No fim de maio a primeira linha de bondes foi reposta em serviço.

Nove anos passados, em 1952, Voronej já contava com um milhão e trezentos mil metros quadrados de novas habitações. A indústria atingiu um nível técnico superior ao de antes da guerra. Ela produz possantes escavadoras, armações de pontes, postes de T.S.F., conservas, móveis, etc. A produção industrial elevou-se ao dóbroy de antes da guerra.

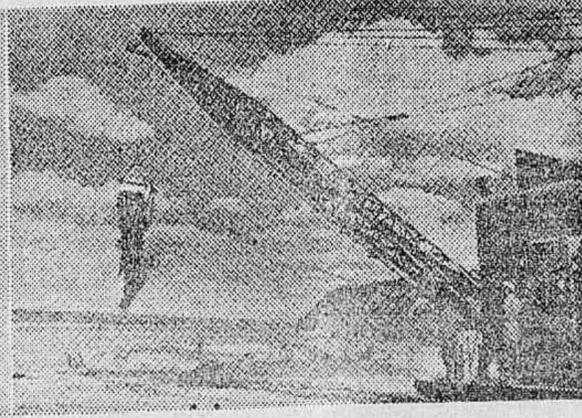
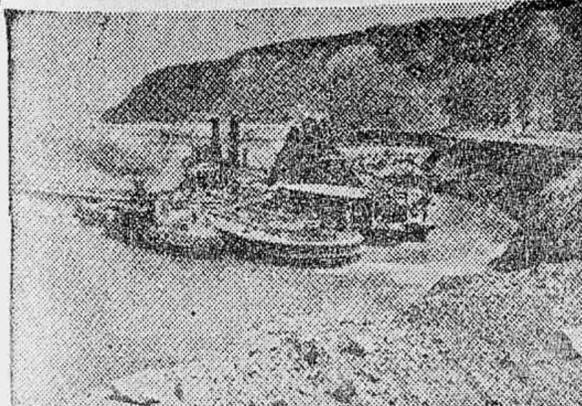
Mais de 40.000 alunos frequentam suas 48 escolas primárias e secundárias. 16.500 estudantes cursam suas sete escolas superiores e cursos secundários especializados. Em Voronej, um habitante em cada três frequenta uma de suas 140 bibliotecas municipais que possuem um milhão e trezentos mil volumes.

O teatro foi restaurado e aumentado. Cinemas, clubes,

palácios de cultura, salas de concerto, estádios foram reconstruídos ou inaugurados. O museu regional, o museu de belas artes e o museu consagrado ao grande poeta russo Nikitin foram enriquecidos com numerosos documentos novos. A antiga cidade russa de Voronej transformou-se, dessa forma, na atual «cidade jardim».

O Estado Soviético empregou somas enormes na reconstrução da cidade. Somente em três anos (1949, 1950, 1951) foram invertidos 370 milhões de rublos. O governo soviético pôde dispor de tão grandes recursos para reconstruir uma só cidade — e foram reconstruídas 1.710 cidades, 70.000 aldeias, 6 milhões de casas destruídas pelos nazistas — além das novas e grandiosas obras, porque sua atividade está voltada para a paz, porque os recursos da nação são empregados na construção pacífica e não na preparação para a guerra.

A Cidade Jardim de Voronej apresenta hoje uma paisagem completamente diferente das fotografias e roteiros antigos. Como toda a paisagem soviética, modificada e embelezada pelo trabalho criador, ela pode surpreender os descrentes da «propaganda».



Máquinas de enorme capacidade criam lagos onde antes havia desertos, modificando a geografia de acordo com os interesses do homem socialista.



EM TODA A CAMPANHA houve um único morto: o fantasma do anti-comunismo, esgrimido como arma pela reação — disse num ato público posterior ao recente pleito na Guatemala, o líder Carlos Nolasco, dirigente do Partido de Ação Revolucionária, um dos que se agruparam na Frente Democrática Eleitoral ao lado do Partido Guatemalteco do Trabalho (comunista) e de outras organizações democráticas. Realmente, as eleições significaram uma retumbante derrota da coligação anti-comunista: em toda a Guatemala, os partidários de Eisenhower e do truste lan- que «Fruit» somente venceram num departamento e, apurados os votos, verificou-se que dos 12 deputados que possuíam no Parlamento perderam 7, ficando com apenas 5. O dirigente comunista Carlos Manuel Pellecer foi eleito pelo distrito de Escuintla, derrotando vários reacionários. Na capital, Guatemala, a votação das forças democráticas, graças à candidatura de José Manuel Fortuny, secretário do Partido Guatemalteco do Trabalho, foi a maior já alcançada até hoje. Nos clichês, uma fila de votantes, uma eleitora depositando seu voto e José Manuel Fortuny.



OPERÁRIOS DA FABRICA «DINAMO», na Rumania, reu- nem-se durante o descanso, para ler uma importante e agradável notícia no «Scantela»: o Conselho de Ministros e o Comitê Central do Partido Operário Rumeno decidiram reconstruir e embellezar as cidades do país. Isto significa melhores casas para os operários.



NO CONGRESSO RUMENO DOS PARTIDÁRIOS DA PAZ, uma nota de grande sensação foi constituída pela saudade das crianças coreanas que se acham na Rumania, enquanto seus pais lutam na Pátria distante pela liberdade e a independência e a paz.

Correspondência de S. Paulo

Sanguessugas da "Anderson" Na Cidade e No Campo

DESDE o momento em que o operário é admitido ao servi- os patrões procuram privá-lo de sua personalidade. E' que daí em diante ele não é mais chamado pelo nome; identifica-se pelo número da chapinha que a Companhia o obriga a usar. Cada seção também tem sua numeração e, por isso é fácil aos guardas, espalhados por todos os cantos, ver se o operário não está em seu lugar. E, o operário que se esquece de usar a chapinha é severamente castigado. Não entra para trabalhar, recebe uma carta estúpida da empresa e, muitas vezes, é suspenso por um ou mais dias de serviço.

Assim acontece na Fábrica do truste americano Ander- son Clayton, localizada na Lapa, em São Paulo.

CARTAS DA FOME

Mais de 600 operários, entre homens, mulheres e um grande número de menores, são maltratados, perseguidos e humilhados pelos americanos e seus capachos. As cartas de advertência são uma forma especial de perseguição para envergonhá-los e intimidá-los. São verdadeiras «cartas da fome», pois, trazem a suspensão por um ou vários dias dos operários. Elas são guardadas num fichário de que se vale a empresa para mais tarde demitir o trabalha- dor, sem indenização, taxando-o de mau elemento.

A demissão de operários na Anderson Clayton é muito comum. Desrespeitando as leis ela não permite que o ope- rário atinja a estabilidade, pois os americanos dizem que não gostam de empregados antigos «que ficam cheios de topete». Quando o operário atinge 5 anos de casa, os grin- gos chamam-no para fazer um «acordo» o que quer dizer que a empresa vai demiti-lo pagando uma indenização in- ferior a que lhe é devida. O trabalhador além de ser rou- bado miseravelmente durante anos, ainda é roubado no momento de deixar a empresa. E quando ele não aceita o «acordo» passa a ser ferozmente perseguido, é transferido de trabalho até que os patrões consigam encontrar um meio para despedi-lo sem lhe pagar nada.

ROUBADOS NAS HORAS EXTRAS

O roubo aos operários é feito de todos os jeitos e for- mas, até no pagamento das horas extraordinárias. Devido aos baixos salários, os trabalhadores se vêem obrigados a trabalhar além das horas normais. Entretanto, o traba- lho extra é sempre anotado «com engano» contra os traba- lhadores. Sempre faltam com o pagamento de duas ou mais horas para cada operário.

Mas não é apenas no número de horas que há roubo. Há também roubo nos cálculos da percentagem. Os operá- rios que trabalham 4 a 5 horas extraordinárias por dia e a maior parte no período noturno, em vez de receberem 50% sobre as horas comuns, recebem apenas 25%.

Para fugir a qualquer reclamação essas horas não são marcadas nos cartões de ponto e o seu pagamento é feito sem qualquer recibo, constando do envelope de pagamento como «premio incentivo», que causa confusão aos operários.

O trabalho extraordinário representa um alto negócio para a «Anderson», pois, cada operário trabalha por dois e, com isso a Cia. não tem que admitir um novo operário, pagar salário, Assistência Social, etc.

REGIME DE PENITENCIÁRIA

Para a «Anderson», os operários não passam de má- quinas para dar cada vez maior produção e maiores lucros. Desde quando inicia o seu trabalho até a hora de sair, o operário é obrigado a produzir sem parar.

Até o tempo e o número de vezes que o operário pre- cisa ir à privada, é limitado.

Para fiscalizar os operários, são mantidos chefes e en- carregados da pior espécie, muitos dos quais insultam e suspendem pela mínima coisa. E' o que aconteceu a um ajudante de caminhão, que foi suspenso, só porque o che- fe achou que ele estava trabalhando devagar.

Os chefes ganham um dinheirão mas são mais burros que os próprios burros. Na seção de óleos e gorduras, um tal de Zé Nonas, vive dizendo que o operário não faz ser- viço direito, quando ele mesmo é que manda fazer errado. O chefe da refinaria, um tal Nicolau, diz que é químico mas de química não entende nada. O que ele entende é de perseguir trabalhadores, pois, vejamos só, ele quiz sus- pender um operário porque desmalara. Esse Nicolau... eé com páu mesmo.

Outro perseguidor é o tal Lucchini, mais conhecido pela alcunha de «tarado», pois tal sujeito vive perseguindo as moças visando submetê-las aos seus bestiais instin- tos. E, diante da resistência das operárias ele suspende a torto e a direito. Certa vez ele violentou uma menor e a deixou grávida. A empresa demitiu-a ao envés de fazê-lo com o monstro. Diante disso, as operárias viram que só elas poderão fazer justiça e prometem organizar-se para dar uma surra nele e expulsá-lo da fábrica.

Quanto aos gringos americanos, estes, como um tal de Harry, vivem beliscando as funcionárias e, quando se re- voltam diante das «intimidades» são chamadas de retró- gradas. Estes gringos agora deram para distribuir revis- tas americanas como «Manchester», nas quais só aparecem mulheres semi-nuas e elogios às «liberdades» dos Estados Unidos.

SALÁRIOS DE FOME

Na «Anderson» não há categoria fixa de serviço. Além de sua categoria a empresa registra o operário para servi- ços gerais. Por isso a empresa põe o operário no serviço que bem entender. E' comum ver um mecânico, operador, etc., fazendo faxina, lavando o chão, carregando pesos. Os salários são baixos. Os homens recebem 5,80 por hora e as mulheres 4,70 — menos que o salário mínimo. Mas os mais explorados são os menores, que fazem o mesmo ser- viço dos adultos, trabalhos pesados, ganhando menos de 3 cruzeiros.

Devido a esses salários miseráveis e ao alto custo da vida é muito deficiente a alimentação dos trabalhadores. Essas condições, agravadas com o trabalho escravo, forçam os operários a um desgaste físico muito grande e é enorme o número de operários aposentados por motivo de doença.

Quando os operários lutam por melhores condições de trabalho, a empresa reprime com violência. Certa vez, só porque seis operários foram exigir aumento de salários, fo- ram sumariamente despedidos.

Enquanto isso, a produção da empresa aumenta cada vez mais, bastando dizer que o valor diário produzido é de cerca de 1,7 milhões de cruzeiros não se contando o que é obtido com o sabão que é feito com os resíduos da fabrica- ção dos outros produtos. Rios de dinheiro são retirados das costas dos trabalhadores, mas Getúlio não se move para im- pedir a fome e a miséria que existem na Anderson, pois a empresa americana mantém testas de ferro no governo para proteger seus interesses em prejuizo dos trabalhadores.

ACABAR COM O DOMÍNIO DA ANDERSON

A Anderson não explora apenas as centenas de operá- rios paulistas. Ela domina e controla toda a produção de algodão em nossa terra. Favorecida pelo governo de Ge- túlio, Láfer, Cleofas e outros capitalistas e latifundiários, leva a fome também a milhões de trabalhadores do campo. Para acabar com o truste que nos dessangra, e aniquila os trabalhadores, é necessário lutar pela nacionalização dessa e de outras empresas estrangeiras.

Faz-se porém, necessário reforçar a organização dos trabalhadores na empresa e no Sindicato. Em assembléias no Sindicato e unindo-se em seu Conselho de Empresa, os trabalhadores da Anderson luta por aumento de salários e por suas demais reivindicações, a fim de atenuar a misé- ria em que estão vivendo.

Festejadas Pelos Camponeses As Datas de Stalin e Prestes

De PRESIDENTE PRUDENTE, São Paulo, com grande atraso chega a carta que nos envia o leitor Antonio Gomes:

Os moradores de Presidente Prudente, Santo Anastacio e Paraguaçu Paulista comemoraram em meio a entusiasticas festi- vidades a passagem de mais um aniversário do camarada Stá- lin. Em Santo Anastacio foram realizadas duas festas, sendo uma no bairro da Figueira e que terminou com um baile, e duas palestras em torno do aniversário do guia genial dos povos e sobre o acordo militar que o governo ianque quer impingir ao povo brasileiro. No bairro de Tupi, igualmente, os patriotas tiveram oportunidade de homenagear Stálin.

Os camponeses de Presi- dente Prudente, no Mirante do Paranapanema, realizaram também uma série de palestras em torno do histórico discurso do camarada Stálin, no encerramento do XIX Congresso do P. C. da URSS. De tais palestras participa- ram centenas de camponeses.

No dia 21 de dezembro os lavradores resolveram come- morar o aniversário de Stalin distribuindo pela estrada de Paranapanema a Costa Ma- chado, num percurso de 12 quilômetros, mais de 40 to- ros de madeira com inscrições e boletins. O trânsito de

veículos na estrada ficou du- rante largo tempo interrom- pido, pois, os passageiros des- ciam dos caminhões e ônibus para ler as inscrições. Nesse mesmo distrito os campone- ses fizeram explodir uma espécie de tiro de canhão, utili- zando-se de um cano cheio de pólvora. O estrondo pro- vocado pela explosão foi ou- vido a dezenas de quilôme- tros.

O aniversário de Luiz Car- los Prestes também foi festi- vamente comemorado no mu- nicípio de Presidente Pru- dente. Os lavradores de San- dovalina enviaram ao grande dirigente do P.C.B. uma saudação. Foram feitas dese-

nas de inscrições nos muros da cidade e houve alvorada de fogos. Os rojões e'eva- vam-se no ar conduzindo fo- lhetos e quando explodiam deixavam cair sobre a cidade centenas de volantes. Nesse mesmo dia, em plena madru- gada, os camponeses fizeram disparar 30 tiros de suas ar- mas de caça. A estrada que conduz à fazenda do Labiano amanheceu com as portas e moinhos pixados. Foi reali- zada na mesma fazenda uma festa à qual compareceram mais de 60 camponeses. Ao toque da sanfona os patriotas dançaram animadamente após ouvirem alguns oradores que homenagearam Prestes.

Levemos a toda parte
Expliquemos a todos

O PROGRAMA DE PAZ DOS POVOS

Fevereiro: Mês de Divulgação das Resoluções do Congresso dos Povos Pela Paz

A grande tarefa do momento, para os combatentes da paz em todo o mundo, é ganhar milhões de seres humanos para o programa de paz dos povos: as Resoluções do Congresso de Viena.

É preciso fazer de cada pessoa que não deseja a guerra, mas não sabe como se pode impedi-la, um combatente ativo pela paz, pela aplicação das medidas indicadas naquelas Resoluções.

Ao chamarmos os patriotas à luta contra o Acordo Militar, indicamos que esta luta é parte da luta mundial pela paz. A aplicação das Resoluções do Congresso dos Povos, a conclusão de um Pacto de Paz, seria um golpe na política imperialista de domínio dos países através de acordos de guerra.

A resolução do Congresso dos Povos sobre a cessação da guerra na Coreia, no Viet Nam e em outros países, atende aos anseios de todos os povos. Basta de bombar-

★ INDEPENDÊNCIA NACIONAL, SUPREMA GARANTIA DA PAZ

★ CONTRA O ACÓRDO MILITAR, POR UM PACTO DE PAZ

★ PELA CESSAÇÃO DA GUERRA NA COREIA, CONTRA A IDA DE TROPAS BRASILEIRAS

★ CONTRA A MILITARIZAÇÃO DO PAÍS, PELO DESARMA-
MENTO

★ COMÉRCIO ENTRE TODOS OS PAÍSES, RELAÇÕES DO BRASIL COM O CAMPO SOCIALISTA

deios arrasadores de cidades, basta de massacres de prisioneiros, bas-

ta de crimes horríveis contra o heroico povo coreano que defende seu país.

O povo brasileiro pode ajudar a pôr termo a esta guerra, impedindo o envio de tropas brasileiras para a Coreia. A cessação desta guerra, proposta pelo Congresso dos Povos, interessa aos jovens brasileiros, que não querem ser lançados à chacina, às mães brasileiras, que não desejam perder seus filhos, a todo o nosso povo, que não quer ser atirado a uma guerra injusta e infame.

nomia, contra os orçamentos de guerra, contra a exportação desenfreada de nossos minérios estratégicos para alimentar a máquina de guerra, e o povo brasileiro contribui para a paz mundial.

De grande importância para a causa da paz e para os interesses do Brasil é a recomendação do Congresso dos Povos para que sejam reiniciadas as trocas comerciais entre todos os países numa base de igualdade e com vantagens mútuas.

Aplicada esta recomendação, nosso país estabelecerá relações comerciais com a União Soviética, a China e as Democracias Populares. Muitos produtos brasileiros que não encontram escoamento seriam trocados por máquina e trigo de que necessitamos. A luta pelo estabelecimento de relações com o campo socialista, além de corresponder aos interesses de nosso país, fortalece a paz e a amizade entre os povos.

Lutando contra a militarização de nossa eco-

Como divulgar as Resoluções em nosso país?

A popularização das Resoluções do Congresso dos Povos deve ser feita em ligação com a luta que o povo brasileiro trava pela paz e a independência nacional.

O Congresso dos Povos salientou com grande força que «a independência nacional constitui a suprema garantia da paz».

Isto fica claro no caso do Acordo Militar Brasil-Estados Unidos. É um tratado para nos arrastar à guerra. Mas o povo brasileiro não quer a guerra. Para levar nosso país à guerra, o tratado visa escravizar nosso

povo, transformar o Brasil em colônia.

A divulgação das Resoluções do Congresso dos Povos e a luta contra o Acordo Militar Brasil-Estados Unidos não são tarefas isoladas uma da outra.

Ao apontarmos ao povo brasileiro o caminho para a paz, de acordo com as Resoluções do Congresso dos Povos, é necessário chamá-lo à luta contra o Acordo Militar. A derrota deste tratado guerreiro seria importante contribuição à paz mundial, significaria um golpe nos planos de guerra do imperialismo.

NAS RESOLUÇÕES ESTÁ A VONTADE DOS POVOS!

Ao divulgar as Resoluções do Congresso de Viena, é necessário explicar o que foi esta grandiosa assembléia, mostrar sua enorme amplitude:

● Assistiram ao Congresso 2.000 delegados de 85 países, entre os quais havia operários, camponeses, intelectuais, sacerdotes, militares, políticos, comerciantes, etc.

● Na delegação do Brasil participaram deputados de vários partidos políticos, presidentes de sindicatos operários, generais do Exército, escritores e artistas, donas de casa, fazendeiros e industriais.

● Nunca houve na História assembléia tão ampla, que representasse todas as camadas da população de quase todos os países do mundo, como o Congresso dos Povos pela Paz.

As resoluções do Congresso dos Povos representam a opinião de todas as pessoas que desejam a paz, sem distinção de classe social, crença religiosa ou partido político.

QUE FAZER PARA DIVULGAR AS RESOLUÇÕES?

IMPRIMIR E DIFUNDIR EM MASSA

A primeira tarefa para levar às mais amplas camadas da população as resoluções do Congresso dos Povos é tornar conhecido de todos o próprio texto das resoluções. É possível encontrar formas muito populares para imprimir e propagar os documentos do Congresso dos Povos. Na preparação do Congresso dos Po-

vos, os partidários da Paz, em São Paulo, providenciaram a impressão do Apelo de Convocação no verso de tabelas do campeonato de futebol. A mesma coisa pode ser feita com músicas do carnaval. Procurando-se os editores de modinhas, pode-se até conseguir a inclusão do Apelo nos folhetos com modinhas populares.

COMANDOS DE ASSINATURAS

Ao coletar assinaturas ao Apelo por um Pacto de Paz ou contra o Acordo Militar, tanto nas fábricas e outros locais de trabalho, como em comandos de porta empurrada, é justo e necessário aproveitar a oportunidade para distribuir cópias das resoluções do Congresso dos Povos e comentar seu significado.

Nesses contactos pode-se conseguir muitos cidadãos que se encarreguem da distribuição dos documentos do Congresso, seja pelo Correio, no seu local de trabalho ou entre os seus vizinhos. Os coletores voltam, sem falta, para procurar novamente estas pessoas.

CONVERSAS

Nos locais de trabalho, em casa, com os vizinhos, nos bondes, trens, jardineiras e outros meios de transporte, sempre se entabulam conversas individuais ou em pequenos grupos. Não é difícil aos partidários da paz aproveitar estas conversas

e encaminhá-las habilmente de modo a poder, em face de questões como a carestia, os baixos salários, o perigo de guerra e muitos outros, indicar as soluções apontadas pelo Congresso dos Povos ou recomendar a leitura de suas resoluções.

JORNAIS MURAIS E BIOMBOS

Os jornais murais têm a grande vantagem de serem fáceis de fazer e atingirem grande número de pessoas. Os biombos são uma forma de jornal mural. Para confeccioná-los basta providenciar uma armação de madeira com duas bandagens de forma que fique em pé por si mesma. Prepara-se

então o jornal mural dos dois lados do biombo. As vantagens do biombo estão em permitir que se faça um mural maior e mais bonito. Além disso o biombo é mais atraente, desperta a atenção dos populares reunindo em torno de si grande número de pessoas.

ASSEMBLÉIAS POPULARES

No trabalho de popularização das resoluções os partidários da paz podem e devem ainda tomar a iniciativa de realizar assembleias populares em grande número. Reune-se um grupo de amigos, de vizinhos, ou de companheiros

de trabalho e a conversa gira em torno do Congresso dos Povos. Pode-se ler uma narrativa sobre o que foi o Congresso, e também o texto do Apelo, e aumentá-lo e levar a que todos façam alguma coisa para sua difusão entre o povo.

CONFERÊNCIAS E PALESTRAS

Nas conferências e palestras públicas, como por exemplo as que se têm realizado contra o Acordo Militar Brasil-Estados Unidos, tanto o conferencista como qualquer partidário da paz pode tomar a palavra e convidar o auditório a apoiar e difundir as resoluções do Congresso dos Povos, porque elas represen-

tam exatamente o caminho da paz e do bem-estar, o oposto do caminho da guerra e da fome que o Acordo Militar quer impor ao povo brasileiro.

Pode-se distribuir as resoluções durante as palestras ou fixar painéis sobre o Congresso dos Povos nos locais em que elas se realizem.

PORTO PARADO, FOME NOS LARES

O domínio de nossa economia pelo imperialismo lanque trouxe: a queda brutal das exportações dos principais produtos e aumento da exportação a preços vis dos minérios para fins de guerra — O Brasil compra a preços altos e vende sempre por preços menores — Desemprego em massa no Pôrto de Santos

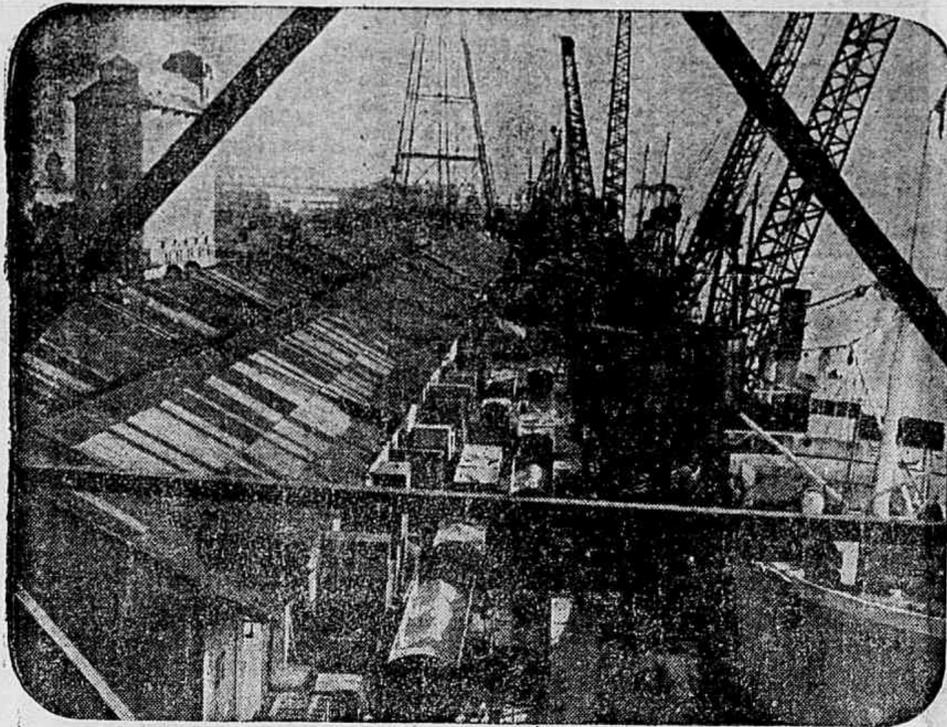
Reportagem de MOISÉS FORNER

NUM DOMINGO — 7 de dezembro do ano passado — Getúlio participou de um almoço, a convite do sr. Jorge Eduardo Guinle, na Granja Comary, em Teresópolis. Os jornais da sádia noticiaram com destaque: «houve show e as clássicas gargalhadas».

No mesmo momento em que Getúlio almoçava e gargalhava feliz ao lado dos multi-milionários Guinle — senhores das Docas de Santos — bem outra era a situação nos lares dos portuários santistas. Ao contrário das gargalhadas da Granja Comary, nem mesmo as crianças sorriam no Macuco, bairro onde mora a grande maioria dos portuários que ocupam milhares de casas de madeira, verdadeiros fornos sob o

sol abraçador deste verão. Ali, naquelas casas, não havia banquete. Muitas mesas permaneceram vazias na hora do almoço. As fisionomias daquelas pessoas demonstravam tão somente fome, desespero e ódio.

E' que a crise avassala o pôrto de Santos que começa a ficar parado. Mas, suas conseqüências recaem tão somente sobre os trabalhadores. Os Guinle que retiram lucros enormes da exploração dos doqueiros, procuram arrancar mais dinheiro ainda com a dispensa em massa de milhares de portuários, com o corte da metade dos dias de serviço dos que ainda trabalham, sugando destes o máximo de suas energias, levando a mais negra fome a seus lares.



O TEMPO BOM QUE PASSOU... O porto via congestionado, navios de todas as bandeiras ali atracavam e os portuários ganhavam para viver. Hoje, o espetáculo é outro. Na grande maioria dos navios tremula a bandeira pirata de Wall Street, e o porto está quase vazio, os braços dos portuários parados.

A CAUSA DO DESEMPREGO

Até maio de 1952 era permanente o congestionamento do porto. Hoje porém o seu aspecto é totalmente diverso. O movimento de navios de cargas e descargas diminuiu a cada mês. De janeiro a novembro de 1952 a exportação sofreu ali uma queda de 28,4% ou sejam 430.674 toneladas menos que no mesmo período do ano anterior.

No conjunto, a exportação brasileira naquele mesmo período teve uma diminuição de 6 bilhões de cruzeiros em confronto com o ano de 1951, como consequência da desvalorização dos preços imposta pelos americanos e pelo aumento samente de exportação a preços vis dos minérios e materiais estratégicos para a máquina de guerra lanque. Cai a exportação de café que representava em 1951, 59% do total da tonelagem brasileira exportada e diminuiu de 46 por cento a exporta-

Quando a importação, ela se acentua principalmente na gasolina, óleo combustível, material bélico, automóveis, produtos químicos, para atender a produção guerreira, tudo a preços exorbitantes. Não nos chegam máquinas agrícolas ou operatrizes para desenvolver a indústria e a agricultura porque isso não interessa aos americanos. Getúlio, servil, aprova e quer submeter mais ainda nossa pátria a dominação americana com a aprovação do Acôrdo Militar.

FOME PARA OS DOQUEIROS MILHÕES PARA OS GUINLE

Dentre o doqueiros que trabalham 12 dias, ganhando 15 com o repouso semanal, a maioria recebe no fim do mês pouco mais de mil cruzeiros. Somente no aluguel vai boa parte desse dinheiro. Nos armazéns de Macuco a queda de venda de gêneros foi de 50%. Os negociantes estão desolados, pois, o que vendem agora é tão somente arroz, feijão e farinha e, mesmo assim, muito pouco. Os preços vão aumentando a olhos vistos e com eles a miséria.

Por outro lado, a Cia. Docas de Santos que teve em 1951 uma renda bruta de 456 milhões de cruzeiros, confessou um lucro de apenas 33 milhões. Entretanto, seus lucros são muito maiores ainda, pois, a Cia. emprega grande parte de seus lucros em outros negócios como no caso da construção da Usina Hidrelétrica de Itutinga para alimentar as instalações americanas de mineração de Minas Gerais.

Mas, ninguém fiscaliza suas contas porque os donos da Cia. fazem parte das classes dominantes — fazendeiros e capitalistas — que são o governo.

EXPLORADOS EM ALTO GRAU

«A. «Docas» para manter altos os seus lucros, para descarregar a crise sobre os trabalhadores, aumenta a exploração no traba-



O ESTIVADOR QUE SE VE à esquerda, acaba de deixar o serviço no porto de Santos. Ele hoje ganha a metade do que percebia antes. Não é de admirar que as crianças do Macuco, o grande bairro proletário daquela cidade paulista, sejam doentes, desnutridas e miseráveis como as que aparecem acima.

lho. Não somente ela demitiu mas também não respeita o antigo contrato com os doqueiros: reduz à metade os trabalhadores de cada turno; para o trabalho de 5 turmas destaca 3; obriga os doqueiros a carregar sacos de sal molhado, pesando de 65 a 70 quilos, cuja salmora escorre pelos rostos; não paga a taxa devida pelos trabalhos sob a chuva. A proteção à saúde é falha. Quem trabalha no frigorífico recebe apenas uma camisa de lã enquanto fica desprotegido da cintura para baixo. Na 5.ª seção não há garantia para as cargas insalubres nem a Cia. paga extraordinários devidos por tais trabalhos. As suspensões se repetem diariamente, por qualquer motivo. Não pode haver reclamação. Nos acidentes de trabalho paga apenas 28,00 em vez de 2/3 do ordenado.

Onde se encontra a proteção ao trabalhador de que tanto fala Getúlio em seus discursos? Entramos no 3.º ano de seu governo de fome e onde a legislação mais avançada do mundo? Os doqueiros de Santos estão sentindo na própria carne o que são as realizações do velho tirano.

PROTESTAM OS DOQUEIROS

Diante de tamanha miséria, os portuários reagem exigindo providências contra esse estado de coisas. Eles têm recorrido ao Sindicato mas, o seu presidente o sr. José Gonçalves fica impassível ante problema tão sério. Na própria ocasião das dispensas se limitou a passar um telegrama a Getúlio. Nada fez para a concessão de Abono aos doqueiros com menos de 2 anos de serviço e, sobre o novo contrato de trabalho — uma das aspirações dos trabalhadores — ele só dá entrevistas aos jornais, vai ao Catete conversar com Getúlio enquanto a empresa vai ganhando tempo. Isso já dura um ano e meio. Ele promete assembleias e estas não se realizam, e a coisa vai ficando como está.

Mas os doqueiros estão perdendo a paciência com este sr. Gonçalves, tantas ele tem feito. E' grande o movimento dos trabalhadores que procuram o sindicato em defesa dos seus direitos. Os trabalhadores tomam consciência de que unidos e organizados poderão forçar a diretoria a tomar medidas energicas em sua defesa, fazendo do Sindicato o que ele deve ser, uma arma do trabalhador.

CONQUISTAR O SINDICATO

Aproximam-se as eleições de 12 do corrente para a renovação da diretoria do Sindicato. Dela os portuários vão participar ativamente com o sentido de obter uma diretoria melhor, capaz de corresponder aos seus interesses, na luta por aumento de salários, pela garantia dos 25 dias de trabalho, pelo respeito ao antigo contrato e pela rápida conclusão de um novo, contra as dispensas em massa; pela fiscalização de representantes sindicais na aplicação correta do contrato de trabalho. Uma diretoria que trabalhe em conjunto com os doqueiros a fim de que suas reivindicações possam ser atendidas de maneira justa.

A conquista do Sindicato é um grande passo. Dêle os portuários poderão fazer o seu baluarte para a luta por condições de trabalho mais dignas e humanas, para o desencadeamento de lutas contra a exploração patronal e do governo que a estimula.

RELAÇÕES ECONÔMICAS COM TODOS OS PAISES

Mas, para acabar com a crise em que se batem os portuários santistas é necessário uma luta maior ainda. O porto está parado porque nossa economia está submetida aos frustes norte-americanos. Eles controlam cada vez mais e nosso comércio exterior. São eles os que decidem, em última

análise, com que países podemos comerciar, que produtos devemos vender a tal ou qual nação. Enquanto exigem café, minérios e matérias primas a preços baixíssimos, que eles próprios cotam ao seu sabor, elevam sem cessar os preços dos produtos que nos vendem, tendo em vista alcançar lucros máximos. A aprovação do Acôrdo Militar, que no artigo IX e em outros dispositivos submete ao estreito controle dos Estados Unidos o nosso comércio exterior, viria «legalizar» e agravar terrivelmente semelhante situação.

Enquanto persistir esse controle, o Brasil não poderá negociar com o formidável mercado consumidor de 800 milhões de habitantes, constituído pela URSS, a República Popular da China, a República Democrática Alemã e as democracias populares. As propostas que o nosso país recebe daquele mercado são as mais vantajosas: querem pagar-nos preços justos pelos nossos produtos e vender-nos as mercadorias que de fato necessitamos a preços também razoáveis. Estabelecer relações com esse mercado é, portanto, dar trabalho a muitos brasileiros e a todos os portuários.

Dessa forma, ao lutar por um direito básico — o direito ao trabalho — os portuários santistas também defendem a paz, pois somente num clima de paz navios de todas as bandeiras poderão lançar ferros em todos os portos do mundo.



CAIRAM OS SALÁRIOS DOS PORTUÁRIOS, cairam também as vendas do comércio do Macuco. Os pequenos comerciantes estão desolados. Somente vendem agora arroz, feijão e farinha. Quando aportarem a Santos navios de todas as bandeiras para que os portuários também possam comprar leite, carne e manteiga?